

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

O CIÚME NA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO: CONTRIBUIÇÕES  
TEÓRICO-EMPÍRICAS

FILIPPE MOREIRA VASCONCELOS

Vitória  
2011

FILIPPE MOREIRA VASCONCELOS

O CIÚME NA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO: CONTRIBUIÇÕES  
TEÓRICO-EMPÍRICAS

Dissertação apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em  
Psicologia da Universidade Federal  
do Espírito Santo, como requisito  
parcial para obtenção do título de  
Mestre em Psicologia.  
Orientador Prof. Dr. Elizeu Borloti

UFES

Vitória, agosto de 2011

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)  
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

---

V331c Vasconcelos, Filipe Moreira, 1983-  
O ciúme na análise do comportamento : contribuições  
teórico-empíricas / Filipe Moreira Vasconcelos. – 2011.  
113 f. : il.

Orientador: Elizeu Borloti.  
Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade  
Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e  
Naturais.

1. Ciúme. 2. Comportamento - Avaliação – Análise. 3.  
Sociologia. 4. Behaviorismo (Psicologia). I. Borloti, Elizeu  
Batista. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de  
Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 159.9

---

# **O CIÚME NA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO: CONTRIBUIÇÕES TEÓRICO-EMPÍRICAS**

**FILIPÉ MOREIRA VASCONCELOS**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

## **COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Elizeu Borloti

---

Profa. Dra. Maria de Nazaré Pereira da Costa

---

Prof. Dr. Rosana Suemi Tokumaru

---

Prof. Me. Luciano de Sousa Cui

Dedico essa dissertação ao meu tio

Odeide Moreira, que acreditou em mim mais do que eu

próprio pude acreditar.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais e irmãos que permanecem sendo a fonte de carinho, amor e segurança, sem os quais as minhas conquistas não teriam sentido.

Ao meu orientador que, com seu jeito calmo e discreto, confiou no meu trabalho e me apoiou nos momentos difíceis com suas contribuições importantes para a realização desse trabalho, estando presente sempre que eu o recorri.

A minha noiva Ana, que me despertou tanto amor em tão pouco tempo e que, com bastante carinho respeitou meus momentos de angústia e dificuldades na elaboração desta dissertação.

Ao meu amigo Luciano, que tem sido uma pessoa fundamental para o meu desenvolvimento profissional e pessoal e que, por tantas vezes acolheu meus pedidos de socorro e me fez crescer. Sem ele esse trabalho não existiria. Sem ele eu seria bem menos do que eu sou hoje.

Ao meu amigo Renan, que tem sido mais que um irmão e tantas vezes me acompanhou nessa vida acadêmica e pessoal e que, sem fazer qualquer feição de incômodo, aceitou meus convites para ir fazer os experimentos dessa dissertação. Sem ele esse trabalho não existiria. Sem ele eu seria bem menos do que eu sou hoje.

Aos meus amigos Saulo Mateus, Paola, Pimentel, Paulinha e Aninha, que compartilharam comigo palavras de incentivo e ouviram minhas angústias.

Aos meus amigos do NEAC, especialmente Tiago Zortéa, Marcelo, Leandro e Mayara, que tanto contribuíram para o meu crescimento acadêmico por meio de debates calorosos nas salas da UFES.

A minha madrinha Giovanna, a qual me espelho e que sempre cuidou de mim de maneira tão carinhosa.

Aos meninos da FAESA, que tanto me auxiliaram na elaboração dessa pesquisa e que fizeram parte de todo esse projeto: Mário, Fabiano, Rayra, Rosana, Denielle, Camila, Jéssiva, Lívia, Paula e Renata.

À FAPES, que me incentivou através da concessão de bolsa.

Ao programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFES, com seus profissionais incríveis e que me acolheram muito bem nesses anos.

A Paulo Menandro, Suemi Tokumaru e Nazaré Costa, que deram suas contribuições para a elaboração desse trabalho.

A todos os participantes dessa pesquisa, que tanto contribuíram para a elaboração desta dissertação.

A todos vocês, muito obrigado!

## SUMÁRIO

Resumo.....	8
Abstract.....	10
Apresentação.....	12
Porque estudar eventos privados na Análise do Comportamento....	12
Porque o ciúme?.....	13
Estudo I.....	19
Reflexões Sobre Variáveis Sócio-Verbais Na Análise Do Comportamento Emocional Ciumento.....	19
Estudo II.....	53
Análise Comportamental do Ciúme em Contexto Experimental: a inserção de variáveis sócio-verbais.....	53
Considerações Finais.....	93
Referências .....	95
Anexos .....	104



## RESUMO

Esta dissertação apresenta dois estudos (um teórico do tipo “estudo de revisão” e outro experimental) sobre ciúme na Análise do Comportamento. Embora o ciúme seja amplamente pesquisado em diferentes áreas da Psicologia, a Análise do Comportamento tem produzido poucos estudos sobre esse tema. Por esse motivo, a partir dos dois estudos apresentados, o objetivo dessa dissertação é trazer à Análise do Comportamento as contribuições: 1) de outras áreas da ciência, de modo que se possa construir, com conceitos comportamentais, um arcabouço sustentável para o estudo do ciúme; 2) da própria Análise do Comportamento, para que se possam testar experimentalmente algumas das interpretações behavioristas sobre ciúme. O Estudo I é um estudo teórico de revisão com o objetivo de analisar o comportamento emocional ciumento sob o referencial teórico da abordagem analítico-comportamental, focalizando suas variáveis sócio-verbais e intercalando essa análise com alguns dos conceitos provindos da Sociologia. A partir dessa interlocução constatou-se que à medida que contingências sócio-verbais se alteram, as concepções sobre ciúme e as situações evocadoras do mesmo são também alteradas. Além disso, essas contingências podem também promover autodescrições que constituem equivalentes verbais relacionados ao ciúme dentro de cada cultura, e o indivíduo enciumado poderá nomear-se com esses equivalentes. O Estudo II apresenta uma investigação experimental sobre ciúme através de um arranjo social arquitetado em laboratório, tendo como base a abordagem externalista da Análise do Comportamento na explicação do comportamento emocional

ciumento. Seu objetivo foi investigar o efeito de contingências previamente programadas envolvendo um rival sobre a ocorrência do comportamento emocional ciumento. O método utilizado foi o delineamento de sujeito único, em que os dados de cada participante foram comparados individualmente nas duas fases do procedimento. Os participantes foram divididos em Participantes e Observadores, de ambos os sexos. O procedimento foi dividido em Fase 1 (ausência de competição por reforçadores) e Fase 2 (presença de competição por reforçadores). Os Observadores inferiram os sentimentos dos participantes em cada fase. Os resultados mostraram que o contexto experimental arranjado foi suficiente para gerar respostas ciumentas nas situações em que havia competição (Fase 2). Eles permitiram também a operacionalização das variáveis necessárias para a evocação do comportamento emocional ciumento e a elucidação das variáveis necessárias para as inferências de sentimentos provindas de indivíduos membros de uma comunidade sócio-verbal.

**Palavras-chave:** Ciúme, Análise do Comportamento, Estudo Experimental, Sociologia.

## ABSTRACT

This dissertation presents two studies (a kind of “theoretical review” and one experimental) about jealousy in Behavior Analysis. Although jealousy is widely researched in different areas of psychology, behavior analysis has produced few studies on this topic. Therefore, from two studies presented, the goal of this dissertation is to bring the contributions Behavior Analysis: 1) from other areas of science, so that we can create, with behavioral concepts, a sustainable framework for the study of jealousy, 2) their own behavior analysis, so they can test experimentally some of the behavioral interpretations about jealousy. Study I is a theoretical review in order to analyze the emotional behavior jealous under the theoretical framework of behavior-analytic approach, focusing on its socio-verbal and interspersed with this analysis stemmed some of the concepts of sociology. From this dialogue it was found that as socio-verbal contingencies change, the concepts of jealousy and situations evoke the same are also changed. Moreover, these contingencies can also promote self-descriptions that are verbal equivalents related to jealousy within each culture, and the individual appointed jealous with these equivalents. Study II presents an experimental research on jealousy by a social arrangement devised in the laboratory, based on the externalist approach of behavior analysis in the explanation of emotional behavior jealous. His goal was to investigate the effect of pre-programmed contingencies involving a rival on the occurrence of emotional behavior jealous. The method used was the design of single subject, in which data from each participant were individually compared in the two phases of the procedure. Participants were divided into participants and observers of both

sexes. The procedure was divided into Phase 1 (no competition for boosters) and Phase 2 (presence of competition for boosters). Observers inferred feelings of participants in each phase. The results showed that the experimental context was arranged jealous enough to generate responses in situations where there was competition (Phase 2). They also allowed for the operationalization of the variables necessary for the evocation of emotional behavior and jealous of the variables needed to elucidate the implications of feelings coming from individual members of a community social and verbal.

Key words: Jealousy, Behavior Analysis, Experimental Study, Sociology.

## **Apresentação**

### *Por que estudar eventos privados na Análise do Comportamento?*

Cognições, pensamentos e emoções constituem um tema básico para qualquer sistema explicativo na Psicologia (Ferreira, Tadaiesky, Coêlho, Neno & Tourinho, 2010). Para os analistas do comportamento, em particular, esses fenômenos são explicados sob o conceito de *eventos privados*, que descreve estímulos e respostas inacessíveis à observação pública direta e que atingem a apenas um único observador (Skinner, 1945).

O conceito de eventos privados, assim, é considerado central no que tange ao tratamento dado às questões relativas à privacidade/subjetividade na Análise do Comportamento. Contrastando com outros modelos explicativos da Psicologia, os eventos subjetivos são interpretados pelos analistas do comportamento como manifestações do organismo como um todo, na sua relação com os diferentes contextos com os quais interage (Tourinho, 2009).

Entretanto, embora se reconheça a relevância do tema, pouco se tem produzido sobre ele na Análise do Comportamento (Anderson, Hawkins e Scotti, 1997). Essa escassez foi verificada quando se analisou indexadores eletrônicos específicos da Análise do Comportamento, internacionais (*The Analysis of Verbal Behavior*, *Journal of Experimental Analysis of Behavior*, *Journal Applied of Behavior Analysis*, *The Behavior Analyst*, *Behavior Therapy*, *Revista Mexicana de Analisis de la Conducta*, *Behavior Research and Therapy*, *Journal of Behavior Therapy and Experimental Psychiatric*) e nacionais (*Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva* e *Brazilian Journal of Behavior Analysis*), bem

como as coletâneas nacionais específicas Sobre Comportamento e Cognição (que, conforme Nolasco, 2002, representa 59% das publicações da Análise do Comportamento no Brasil) e Ciência do Comportamento: Conhecer e Avançar. Entre as hipóteses que justificam essa escassez estão: 1) as limitações metodológicas, dada a dificuldade em isolar variáveis nos estudos de eventos privados (Palmer, 1998; Simonassi, Tourinho & Silva, 2001) e 2) a concorrência com a pesquisa aplicada e com pesquisas (teóricas e/ou empíricas) de outros temas (Cunha & Borloti, 2007).

### **Por que o “ciúme”?**

O tema do ciúme tem sido abordado nas mais diversas áreas da ciência, como na Sociologia (e. g. Clanton & Smith, 1998; Clanton, 2006), Medicina (e. g. Ballone, 2010) e Psicologia (e. g. Buss, Haselton, 2005; DeSteno, Valdesolo & Bartlett, 2006; Costa, 2009), revelando, assim, a atenção contínua que atualmente vem sendo dada ao tema no contexto científico.

Essa atenção pode advir do fato de que o ciúme permeia um conjunto amplo de situações que algumas pesquisas já apontaram: as relações amorosas (Branden, 1998; Hintz, 2003), os homicídios (DeSteno, Valdesolo & Bartlett, 2006), as condições psiquiátricas (Tarrier, Beckett, Harwood & Bishay, 1990) e a violência (Costa, 2009). A par disso, diferentes autores têm estudado o tema e seus estudos vêm se repercutindo em uma ampla variedade de interpretações teórico-conceituais sobre o mesmo.

Essa diversidade de interpretações, no entanto, não necessariamente significa um avanço para a compreensão do comportamento ciumento (Costa, 2009), já que muitas das explicações sobre o fenômeno adotam perspectivas internalistas e/ou mentalistas (que apontam eventos privados como “causa” de eventos privados), dificultando, assim, a elucidação das variáveis contextuais externas/públicas necessárias para a evocação do comportamento ciumento. Além disso, cabe ressaltar que muitas das pesquisas sobre ciúme são de caráter descritivo, e investigam o mesmo por meio de modelos não experimentais o que, de certo modo, dificulta ainda mais a identificação das variáveis responsáveis pelas manifestações ciumentas.

No entanto, um movimento contrário, experimentalista, tem sido realizado por estudiosos que têm buscado investigar o ciúme em diferentes áreas da Psicologia. Esses estudiosos concentram-se principalmente em pesquisar: a relação entre rejeição social e ciúme (Peterson & Harris, 2009); a relação entre ciúme, autoestima e agressividade (Desteno, Valdeloso & Bartlett, 2006); as manifestações ciumentas em bebês e crianças (Hart, Field, Del Valle & Letourneau, 1998; Hart & Carrington, 2002; Hart, Carrington, Tronick, & Carrol, 2004; Bandeira, 2005; Costa, 2009); e a ocorrência do ciúme no relacionamento entre irmãos (Miller, Volling & McElwain, 2000; Thompson, 2004; Thompson & Halberstadt, 2008).

Embora esses estudos empíricos (experimentais) sejam representativos desse movimento, quando sua quantidade é comparada à grande quantidade de pesquisas teóricas já desenvolvidas sobre o tema percebe-se que eles são escassos (Kienapple, 1993; Costa, 2009). Essa escassez se soma às confusões conceituais na insistência em um modelo explicativo internalista:

muitas das interpretações dadas aos resultados obtidos nesses experimentos explicam o ciúme como efeito de fenômenos internos (“baixa autoestima”, “amor”, “insegurança”, “raiva” entre outros) que também precisam ser conceituados e explicados. Uma alternativa a esse modelo internalista/mentalista de explicação tem sido proposta por analistas do comportamento, principalmente do contexto brasileiro (Banaco, 2005; Bandeira, 2005; Menezes e Castro, 2001; Costa, 2005; 2009). Ao entenderem que a explicação internalista (mentalista) não contribui para a identificação das condições externas evocadoras do comportamento ciumento, esses autores têm proposto uma explicação externalista/contextualista sobre os comportamentos classificados como ciumentos, ao identificarem as variáveis contextuais necessárias para a sua ocorrência.

Nesse sentido, a presente dissertação busca juntar-se aos trabalhos desses autores, procurando contribuir para uma definição operacional do ciúme no contexto da Análise do Comportamento. Como forma de alcançar o objetivo proposto, ela encontra-se dividida em dois estudos dissertados sob a forma de artigo (o primeiro é teórico e o segundo, experimental) cujas conexões são apontadas nas considerações finais.

No que se refere ao primeiro artigo, intitulado “*Reflexões sobre Variáveis Sócio-verbais na Análise do Comportamento Emocional Ciumento*”, contextualizou-se o conceito de ciúme na abordagem analítico-comportamental, a partir do modelo de seleção do comportamento pelas suas consequências (Skinner, 1981), priorizando o segundo nível de seleção do comportamento, a ontogênese, e o terceiro, a cultura. Inicialmente, foram abordadas as considerações dadas por analistas do comportamento aos fenômenos



emocionais, de modo a situar o ciúme no bojo desses fenômenos. Em seguida, realizou-se uma revisão bibliográfica sobre o tema do ciúme na Análise do Comportamento, enfatizando as contribuições de diferentes autores da área na definição e operacionalização das variáveis que o determinem. Tal revisão inspirou-se principalmente nos trabalhos de Costa (2005; 2009), pois eles contribuíram para uma sistematização dos princípios da Análise do Comportamento na conceituação e interpretação dos comportamentos ciumentos. Na terceira e última parte do artigo, buscando-se ampliar as possibilidades de interpretação do ciúme no contexto das relações sociais mais amplas, quando realizou-se uma análise do ciúme no terceiro nível de seleção, a cultura, promovendo uma interlocução entre a Análise do Comportamento, representada principalmente por Tourinho (2006; 2009) e a Sociologia, representada por Clanton (2006). Embora alguns dos argumentos de Clanton (2006) assentem-se, em momentos específicos, no mentalismo, a maioria se assenta em interações do homem com o seu contexto cultural e, principalmente, em descrições históricas das relações sociais responsáveis pelas variações do ciúme no contexto da sociedade ocidental moderna. Esse foi um dos motivos para a escolha de uma interlocução com esse autor; escolha essa que apontou para uma questão importante no que tange ao ciúme: o papel da linguagem envolvida na descrição das diferentes manifestações ciumentas. Pôde-se observar que as suposições de Clanton conjugam-se com as de Tourinho (e com as dos analistas do comportamento em geral): mudanças na sociedade produzem mudanças na constituição da subjetividade/privacidade de cada indivíduo, sendo o caso específico do ciúme um exemplo dessas modificações. Assim, constatou-se que à medida que contingências sócio-verbais se alteram,

as concepções sobre ciúme e as situações evocadoras do mesmo são também alteradas.

O segundo artigo, intitulado “*Análise Comportamental do Ciúme em Contexto Experimental: a inserção de variáveis sócio-verbais*” descreve a criação experimental de uma situação social evocadora de comportamentos ciumentos, e teve como objetivo investigar o efeito de contingências previamente programadas envolvendo um rival sobre a ocorrência do comportamento emocional ciumento. Para tanto, iniciou-se citando as pesquisas sobre o ciúme e destacando as experimentais, de modo a que seus resultados fossem discutidos por sua relevância científica empírica. Uma vez que a conceituação analítico-comportamental do ciúme envolve um contexto de competição por reforçadores com um rival, descreveu-se a metodologia adotada para a pesquisa em questão, no caso, o delineamento de sujeito único, em que cada participante foi submetido tanto à fase *controle* (ausência de competição) quanto à fase *experimental* (presença de competição) e os dados obtidos foram comparados com o desempenho individual deles em cada uma das fases. Como um análogo da comunidade verbal, observadores ingênuos inferiram o que os participantes sentiram ao longo do procedimento. Os resultados demonstraram que o controle experimental arranjado foi eficiente ao evocar o comportamento emocional ciumento e que, assim como nas demais pesquisas, a competição por reforçadores com um rival é condição antecedente necessária para a ocorrência do comportamento emocional ciumento. Permitiram também a comparação entre os sentimentos inferidos pelos observadores ingênuos com os descritos pelos participantes nas duas fases do procedimento. Concluiu-se que indivíduos que observam outros interagindo com o meio social inferem o que eles podem estar

sentindo nessa interação e, com base nisso, podem passar a consequenciar seus comportamentos verbais conforme essas inferências.

Em linhas gerais, percebe-se que o ciúme é um tema intrigante e envolvente, e seu estudo experimental demanda, principalmente, manejo ético e criatividade tecnológica. Estudar ciúme é estudar uma grande parcela do que consistem as relações interpessoais cotidianas de nossa sociedade. A multiplicidade das relações envolvidas nas manifestações ciumentas torna o estudo desse fenômeno algo desafiador e, embora se encontrem obstáculos, as recompensas em estudá-lo são por demais prazerosas.

## ***Estudo I***

### REFLEXÕES SOBRE VARIÁVEIS SÓCIO-VERBAIS NA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO EMOCIONAL CIUMENTO

Filipe Moreira Vasconcelos

(Universidade Federal do Espírito Santo)

#### **RESUMO**

Este artigo teórico de revisão parte da interpretação do ciúme na Análise do Comportamento como um comportamento emocional complexo envolvendo processos respondentes e operantes interrelacionados, mediados pelo contexto sócio-verbal nos quais é evocado. Seu objetivo foi analisar o comportamento emocional ciumento sob o referencial teórico da abordagem analítico-comportamental, focalizando suas variáveis sócio-verbais e intercalando essa análise com alguns dos conceitos provindos da Sociologia. Para tanto, realizou-se uma análise das publicações sobre o tema priorizando as de abordagem analítico-comportamental e, em seguida, foi feita uma articulação entre as proposições encontradas nessas publicações e as do sociólogo Clanton (1998; 2006). Os resultados mostraram que as suposições de Clanton conjugam-se com as dos analistas do comportamento: mudanças na sociedade produzem mudanças na constituição da subjetividade/privacidade de cada indivíduo, sendo o caso específico do ciúme um exemplo dessas modificações. Constatou-se que à medida que contingências sócio-verbais se alteram, as concepções sobre ciúme e as situações evocadoras do mesmo são também alteradas. Conclui-se, assim, que maiores avanços na compreensão das questões relativas ao ciúme

poderão ser alcançados se as perspectivas mais amplas de análise envolvendo a linguagem e a cultura forem incluídas na descrição dos processos psicológicos básicos do comportamento emocional ciumento.

**Palavras-chave:** Ciúme, Análise do Comportamento, Sociologia.

## **ABSTRACT**

This article review theoretical part of the interpretation of jealousy in Behavior Analysis emotional behavior as a complex process involving respondents and inter-operative, mediated by the socio-verbal in which it is evoked. His goal was to analyze the emotional jealousy in the theoretical framework of behavior-analytic approach, focusing on its socio-verbal and interspersed with some of this analysis stemmed concepts of sociology. To this end, we carried out an analysis of publications on the subject giving priority to the behavior-analytic approach, then, there was a link between the propositions found in these publications and the sociologist Clanton (1998, 2006). The results showed that the assumptions of Clanton are combined with behavior analysts: changes in society bring about changes in the constitution of subjectivity / privacy of every individual, and the specific case of jealousy an example of these modifications. It was found that as socio-verbal contingencies change, the concepts of jealousy and situations evoke the same are also changed. We conclude therefore that the greatest advances in the understanding of issues relating to jealousy can be met if the broader perspectives of analysis involving language and culture are included in the description of the basic psychological processes of emotional behavior jealous.

Key words: Jealousy, Behavior Analysis, Sociology.

## Introdução

O ciúme tem despertado o interesse de escritores desde a antiguidade. Já nas peças teatrais da Grécia Antiga (e. g., *Medéia*, de Eurípides), nos escritos bíblicos (Harris, 2003) e nas obras literárias clássicas (e. g., *Otelo*, de Shakespeare), o ciúme tem sido abordado como um fenômeno frequente no cotidiano das relações humanas. Atualmente, autores chegam a sugerir que não há cultura em que manifestações ciumentas não estejam presentes (Pines & Aronson, 1983; Buss & Haselton, 2005).

O tema do ciúme está constantemente relacionado à questões de intervenção clínica, como em casos de transtorno psiquiátrico, psicoterapia de casal, psicoterapia individual (Tarrier, Beckett, Harwood & Bishay, 1990; Costa, 2009), e também a questões de preocupação pública, sobretudo homicídios dos quais o motivo é conhecido (Buss & Haselton, 2005). Por conta disso, o tema tem recebido frequente atenção de estudiosos em diferentes campos da ciência, especialmente na Psicologia, permitindo a proposição recorrente de novos problemas de pesquisa.

Cabe ressaltar, no entanto, que a maioria dessas pesquisas tem interpretado seus dados a partir, muitas vezes, de concepções internalistas/mentalistas (*i. e.*, relacionando o ciúme a outros eventos subjetivos, tais como amor, raiva e insegurança, Costa, 2009). Um esforço interpretativo contrário tem sido apresentado por Analistas do Comportamento, que têm abordado o tema nos moldes de uma concepção externalista/contextualista, buscando operacionalizar as variáveis necessárias para a evocação do

comportamento ciumento (Banaco, 2005; Bandeira, 2005; Menezes e Castro, 2001; Costa, 2005; 2009). Apesar disso, publicações sobre o tema no bojo da Análise do Comportamento ainda são escassas, gerando pouca atenção de seus estudiosos.

É dentro desse contexto que o presente artigo analisa o comportamento emocional ciumento sob o referencial teórico da abordagem analítico-comportamental, focalizando suas variáveis sócio-verbais e intercalando essa análise com algumas das interpretações do ciúme provindas da Sociologia. Para atender a esse objetivo, ele encontra-se dividido nas seguintes seções: (1) Fenômenos Emocionais na Análise do Comportamento, que aborda a compreensão da área no que tange às emoções e sentimentos, situando os elementos conceituais necessários para a compreensão do ciúme; (2) O Ciúme na Abordagem Analítico-Comportamental, contemplando análises realizadas por estudiosos que trataram do assunto na abordagem comportamental, concentrando-se principalmente nos trabalhos de Costa (2005; 2009) e; (3) Uma Análise do Ciúme no Terceiro Nível de Seleção, que articula referenciais analítico-comportamentais e sociológicas, tendo como base os trabalhos de Tourinho (2006; 2009) e Clanton (2006) para a compreensão dos determinantes culturais do comportamento ciumento.

### **Fenômenos Emocionais na Análise do Comportamento**

Skinner (1945) introduziu o conceito de eventos privados em sua obra *The Operational Analysis of Psychological Terms* para definir estímulos e respostas inacessíveis à observação pública direta. Para o autor, diferentemente dos



eventos (estímulos e respostas) públicos, os eventos privados constituem parte importante do ambiente cuja acessibilidade é restrita ao próprio indivíduo que se comporta. Com isso, evento privado tem sido um conceito importante para lidar com temas tradicionais da Psicologia, como emoções, sentimentos e cognições (Borda & Tourinho, 2009).

No que tange aos fenômenos emocionais, em especial, Skinner enfatiza que como as pessoas se sentem é, geralmente, tão importante quanto o que elas fazem (Skinner, 1989/2003, p. 3), e isso justifica, até certo ponto, o fato de emoções e sentimentos serem excelentes exemplos das causas fictícias comumente atribuídas ao comportamento (Skinner, 1974/2003). Para o autor, isso ocorre porque quando a estimulação ambiental antecedente ao comportamento não é facilmente reconhecida, atribui-se papel mais importante à própria condição corporal sentida, que passa a ser vista como “causa” do comportamento (Skinner, 1974/2003).

No contexto da Análise do Comportamento, entretanto, emoções e sentimentos são tratados como produtos concomitantes ou colaterais de interações do indivíduo com o meio, e explicar esses fenômenos somente a partir do que ocorre no indivíduo (explicação internalista) é pouco útil na explicação do comportamento em si mesmo. A explicação internalista é um equívoco fundamental na medida em que “nenhum relato do que está acontecendo dentro do corpo humano, por mais completo que seja, irá explicar as origens do comportamento humano. O que acontece dentro do corpo não é um ponto de partida” (Skinner, 1989, p. 24).

Sendo assim, em uma explicação contextual (comportamental), o que o indivíduo sente quando está se comportando ou prestes a se comportar (e

mesmo depois de emitir esse comportamento) é um estado diferenciado do corpo, e é, portanto, um produto colateral das variáveis funcionais do comportamento (Skinner, 1985).

A posição de Skinner sugere que o que é sentido não explica o comportamento publicamente observável, entretanto, suas asserções foram interpretadas como se o que é sentido não deva ser explicado. Por conta disso, sentimentos e emoções foram, ao longo do tempo, entendidos como elementos secundários, onde a própria condição sentida não seria alvo de intervenção comportamental (Skinner, 1989). No entanto, com o avanço dos estudos sobre eventos privados, diferentes autores têm indicado que o produto colateral pode, sob circunstâncias especiais, assumir diferentes funções em uma relação comportamental, como a de eliciador incondicional ou condicional, estímulo reforçador, discriminativo ou estabelecedor, numa operação motivacional (Moore, 1984; Anderson, Hawkins, Freeman & Stocks, 2000; Tourinho, 2006).

Dessa perspectiva de análise, se eventos emocionais podem assumir essas diferentes funções no controle de comportamentos subsequentes, verbais ou não verbais, públicos ou privados, a estimulação privada tem sua importância tanto como objeto de pesquisa (Moore, 1984), quanto como elemento de intervenção (Skinner, 1989). Para Tourinho (2007), se eventos privados podem ser relações comportamentais, dificilmente fará sentido não analisá-los nas situações de intervenção. Este autor conclui que terapeutas analítico-comportamentais cada vez mais reconhecem isso e, em grande parte, são responsáveis por uma atenção maior dada ao assunto nos últimos anos.

Moore (1984), todavia, adverte que o controle exercido pelo evento privado não é equivalente à noção de causação exclusiva. Isso porque o evento

privado depende da correlação com o evento público para adquirir e manter a função de estímulo no controle de uma resposta. Por exemplo, o indivíduo que relata que sente dores no corpo o faz por que há uma correlação entre o relatar e o reforço advindo da comunidade verbal, que poderá tomar as medidas necessárias para que as dores cessem. Na ausência das consequências externas apresentadas pela comunidade, o comportamento de relatar o que se sente poderá entrar em extinção, e o estímulo privado, apesar de estar presente, não mais controlará respostas autodescritivas.

Gongora & Abib (2001) caminham no mesmo sentido, quando propõem que eventos privados não constituem causas iniciais para o comportamento operante, mas são elementos constituintes de uma sequência funcional entre eventos ambientais e comportamentais, ou seja, “elementos de uma cadeia de eventos em que o primeiro elo será sempre um evento atual do ambiente externo” (p. 20). Por sua função depender de uma correlação com um estímulo público, a referência ao estímulo privado não será suficiente como uma explicação (Tourinho, 2006). Nesse sentido, no que diz respeito ao tema deste artigo, podemos dizer que a mera descrição das topografias dos respondentes (taquicardia, enrubescimento, aperto no peito) ou dos operantes (questionamento, agressividade) de um indivíduo enciumado, pouco ajudará na elucidação das variáveis que estão de fato controlando o seu comportamento.

Nessa ótica, a resposta verbal (*e. g.* “*Estou sentindo angústia*”) de alguém acerca do mundo interno estará sempre sob controle de um arranjo de estímulos públicos, ou seja, “um estímulo privado vai sempre depender de uma relação (correlação ou relação de equivalência) com o estímulo público” (Tourinho, 2006,

p. 18). E esse é um dos motivos porque, de um ponto de vista de conceitos psicológicos, os eventos que ocorrem dentro do organismo do indivíduo não são suficientes como argumento explicativo do seu comportamento, sejam quais forem esses eventos.

Essa análise deve considerar que o controle exercido por estímulos privados assume, em geral, o papel de estímulo discriminativo para respostas verbais autodescritivas de tato (Skinner, 1957/1978). O operante tato é uma resposta verbal que ocorre na presença de um estímulo discriminativo não-verbal por ter sido reforçada nessa situação (Skinner, 1957/1978; Borloti, 1994). Portanto, o evento que controla o tato é um estímulo não verbal privado, a própria condição corporal do indivíduo que a sente, que passa a assumir controle discriminativo verbal e, portanto, ser descrita, assim que ele interage com uma cultura que o ensina a fazê-lo.

A comunidade verbal ensina o indivíduo a descrever esses estados corporais por meio basicamente de três maneiras (Skinner, 1957, p. 131-133): 1) um acompanhamento público (*e. g.*, um corte no dedo acompanha a dor), 2) uma resposta colateral (*e. g.*, pressionar as mandíbulas é colateral à raiva) e 3) uma resposta em conexão com um evento público cuja propriedade é transferida ao evento privado (*e. g.*, em metáforas: uma dor lancinante tem a mesma propriedade física de uma lança). Essa última maneira é fundamental ao ensino da nomeação de sentimentos (tatos metafóricos) por parte da comunidade verbal. Skinner (1974/2003) propõe que “todas as palavras usadas para designar sentimentos começaram como metáforas, e é significativo que a transferência sempre tenha sido do público para o privado” (p.20). Ou seja, “nenhuma palavra parece ter sido originalmente cunhada para denominar um sentimento” (p. 20).

Pode-se dizer, assim, que os termos da “linguagem dos sentimentos” são todos “emprestados de descrições de eventos públicos nos quais tanto a comunidade quanto os indivíduos têm acesso aos mesmos estímulos” (Skinner, 1953/1978, p. 150). Borloti, Fonseca, Charpinel e Lira (2009) mostraram que alguns nomes de sentimentos dependeram de supostas contingências originais correlacionadas a eles em sua história etimológica. De acordo com os autores, *decisão*, por exemplo, originou-se de “-cadere- (latim): relação verbal primária de tato do acontecimento-ação de cair para frente ou para trás, para a direita ou para a esquerda” (p. 90).

Devemos considerar, todavia, que membros da sociedade tratam as descrições de sentimentos e emoções (tatos de eventos privados) muito mais como eventos mentais causais do que como respostas verbais sob controle de estímulos privados (e desconhecem a conexão entre essas descrições e acontecimentos públicos). Esses membros

(...) discriminam estados corporais (produzidos pela sua interação com eventos ambientais), nomeiam esses estados corporais de acordo com nomes de sentimentos aprendidos com sua comunidade verbal e, finalmente, atribuem às palavras assim aprendidas a função de causar comportamentos (Guilhardi, 2002, p. 1)

O que se deve notar, entretanto, é que uma análise comportamental deve operacionalizar os conceitos psicológicos tradicionais, buscando as funções do comportamento na interrelação entre as respostas do indivíduo e o ambiente que o circunda. No caso específico do relato de eventos privados, encontraremos

obstáculos se tentarmos invocar o fenômeno privado em uma explicação causal sem nenhuma especificação plausível do processo pelo qual o fenômeno privado adquiriu seu papel funcional (Moore, 1984).

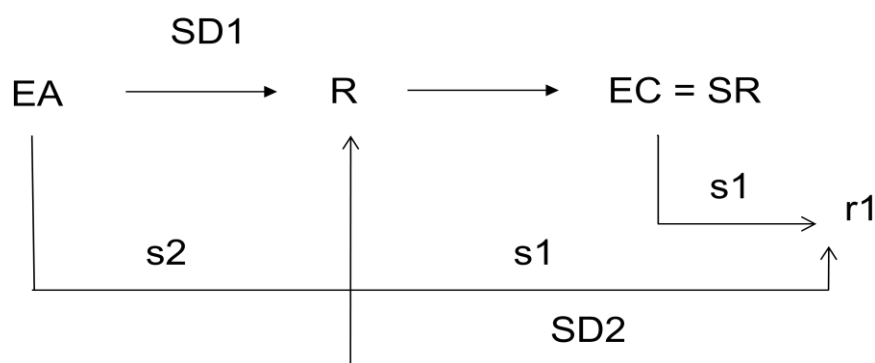
Sob tal perspectiva, cabe compreender que, de acordo com Darwich & Tourinho (2005), em diferentes fontes bibliográficas é possível encontrar distinções entre emoções e sentimentos: as primeiras corresponderiam a estados corporais referentes a estados fisiológicos e a segunda, a processos verbais (Damásio, 2000; Kandel, Kupferman & Iversen, 2000; Cunha & Borloti, 2005). Em termos analítico-comportamentais, teríamos então as emoções como processos respondentes e sentimentos como processos operantes com componentes verbais (Darwich & Tourinho, 2005).

Em se tratando de um modelo interpretativo de comportamentos emocionais, na Análise do Comportamento devemos ressaltar a participação interrelacionada de processos respondentes e operantes. Darwich (2007) delinea esse modelo de interações da seguinte forma: a ocorrência de respostas fisiológicas componentes de fenômenos emocionais; a aquisição de funções discriminativa e eliciadora pelo evento antecedente à emissão do operante; e a aquisição de função discriminativa e eliciadora por fenômenos emocionais, com seus componentes respondentes e operantes.

Seguindo o modelo apresentado por Darwich, podemos apontar que na ocorrência de uma resposta emocional um conjunto amplo de variáveis respondentes e operantes torna-se presente. A descrição operacionalizada da interrelação dessas variáveis é esta: (a) o evento consequente (EC) à emissão de uma resposta operante (R), com função reforçadora (SR) ou aversiva, pode apresentar também função eliciadora (s1) de respostas fisiológicas (r1)

componentes de fenômenos emocionais; (b) a partir da relação estabelecida com a resposta operante (R) e o evento consequente (EC), o evento antecedente (EA) pode adquirir função discriminativa (SD); (c) a partir do estabelecimento de uma relação temporalmente contígua entre o evento antecedente (EA) e o evento eliciador (s1) de respostas fisiológicas (r1), o evento antecedente (EA) pode adquirir também função eliciadora condicional (s2) de respostas fisiológicas semelhantes (r2); e (d) as respostas fisiológicas (r2) também podem apresentar função discriminativa (SD2) para a emissão da resposta operante (R) e função eliciadora de outras respostas fisiológicas<sup>1</sup> (Darwich, 2007, p. 67).

Reproduzido de Darwich e Tourinho (2005), um quadro representativo para esboçar cada uma das dessas variáveis pode ser apresentado do seguinte modo:



**Figura 1.** Interrelações entre processos respondentes e operantes. EA: evento antecedente à resposta operante; R: resposta operante; EC: evento consequente; SR: evento reforçador; SD1: estímulo discriminativo presente no ambiente externo; SD2: estímulo discriminativo presente no ambiente interno; r: respostas fisiológicas, respondentes (efeito colateral da contingência); s1: estímulo eliciador condicionado ou incondicionado; s2: estímulo eliciador condicionado (Darwich & Tourinho, 2005, p. 114).

<sup>1</sup> Os índices alfabéticos maiúsculos correspondem a relações operantes e os minúsculos, a relações respondentes.

Para exemplificar as variáveis acima, podemos citar um rapaz que, diante de pessoas em um sarau (EA), declama seu poema (R) e tem como consequência aplausos (EC). Considerando que o evento consequente (EC) apresenta função reforçadora (SR) para o jovem, a relação (R – SR) fornece a ocorrência de seleção comportamental e a aquisição de função discriminativa por eventos semelhantes ao EA (SD1). Na medida em que o EC (aplausos) também apresenta função eliciadora (s1), ele evoca respostas fisiológicas correspondentes a alterações nas condições corporais do indivíduo (r1). A mesma relação respondente (s1 – r1) pode então ficar condicional à presença do EA (função s2). Em situação futura semelhante ao EA, as alterações nas condições corporais (r1), evocadas por (s2), também assumem função discriminativa (SD2) para a emissão de R (Darwich, 2007).

Esse modelo esboça o controle discriminativo exercido pelo ambiente interno (alterações corporais evocadas pelo s2) sobre a resposta operante (declamar o poema). Entretanto, seria um equívoco afirmar que, nesse caso, as causas do comportamento de declamar o poema sejam exclusivamente internas. Afinal, como sustentado por Tourinho (1997) e Darwich & Tourinho, (2005), o controle discriminativo interno só existe na medida em que haja uma correlação com o evento público (EA) com função discriminativa para (R).

Um ponto importante a ser ressaltado no exemplo acima, é que o rapaz, em condições posteriores, poderia não só declamar o poema, mas, antes disso, afirmar que sente “vontade” de fazê-lo, ou que declamar poemas em um sarau é “prazeroso”. Sendo assim, as alterações corporais eliciadas por (s2) poderiam também controlar respostas operantes descritivas destes próprios estados corporais, o que se configuraria, portanto, em um tato de eventos privados.



Em linhas gerais, observa-se que no âmbito dos fenômenos emocionais, diferentes variáveis estão presentes, e a contextualização das respostas eliciadas e/ou emitidas pelo indivíduo devem sempre ser relacionadas aos eventos ambientais que a ele circundam. O caso do ciúme não é diferente, como mostrado no tópico seguinte.

### **O Ciúme na abordagem analítico-comportamental**

No contexto da Análise do Comportamento, diferentes autores abordaram a temática do ciúme (Skinner, 1948/1976; 1969/1984; Banaco, 2005; Bandeira, 2005; Menezes e Castro, 2001; Costa, 2005; Costa, 2009). Costa (2005; 2009) foi a autora que mais se dedicou ao estudo do tema e, por conta disso, muito do que será apresentado adiante se concentra nas considerações levantadas por ela.

O primeiro estudioso a tratar do ciúme na Análise do Comportamento foi Skinner (1948/1976) que, apesar de não abordar diretamente o tema em textos científicos, o fez em sua novela *Walden Two*, na qual um de seus personagens afirma que “*em uma sociedade cooperativa não há ciúme, porque não há necessidade dele*” (p. 93). Em outro momento, o mesmo personagem afirma que:

Não há porque deduzir que conseguimos tudo o que desejamos. Certamente que não. Mas o ciúme não ajudaria. Num mundo competitivo, talvez sim. Com efeito, num mundo competitivo, as emoções funcionam às mil maravilhas (Skinner, 1948/1976, p. 105).

Com essa afirmação, Skinner enfatiza a importância do contexto cultural para o surgimento desse fenômeno, destacando a importância da competição, nas relações sociais, para a ocorrência das manifestações ciumentas. Esse apontamento também foi feito por Menezes e Castro (2001), que descreveram o que ocorre na competição. Na concepção deles, o ciúme pode ser concebido

(...) como um sentimento que emerge em uma situação sinalizadora de possível perda de um estímulo reforçador para outro indivíduo, podendo envolver a emissão de respostas coercitivas que visam evitar esta perda e a produção de consequências reforçadoras e/ou punitivas para o comportamento dos indivíduos (...) (p. 20).

Neste caso, a ocasião de uma possível perda ocorreria pela presença de um competidor (rival) e, mediante ela, respostas operantes que têm como função evitar essa perda terão sua probabilidade de emissão aumentada.

Banaco (2005) propôs análise semelhante: o ciúme existe na medida em que há uma ameaça sobre a posse de algo ou alguém (parceiro/a). Além disso, o autor acrescentou outros elementos, tais como a falta de habilidade do indivíduo ciumento em comparação ao concorrente e a incontrolabilidade do mesmo sobre as atitudes e sentimentos do(a) parceiro(a).

Percebemos, assim, que os elementos para uma definição do ciúme apresentados por esses autores se aproxima da visão skinneriana, dado que os três consideram a competição e o relacionamento interpessoal como fundamentais para a ocorrência do comportamento ciumento. Para Costa (2009), tanto Skinner (1948/1976), quanto Menezes e Castro (2001) e Banaco (2005)

estão em consenso quanto aos aspectos ontogenético e cultural envolvendo ciúme.

Ampliando esse consenso, Costa (2005) aponta três aspectos relevantes para a análise funcional do comportamento emocional ciumento: (1) ele é o produto de condicionamento respondente e operante; (2) seus eventos comportamentais privados podem controlar operantes públicos (interrogar, agredir etc.); e (3) pode ser controlado por regras sociais (Costa, 2005).

A novidade no apontamento desses aspectos não está apenas nas interrelações entre processos respondentes e operantes, conforme o modelo de determinação de fenômenos emocionais pelas suas consequências (Darwich, 2007). Costa (2009) também propõe um aprimoramento das análises do ciúme a partir desse modelo. Um ponto inicial acrescentado pela autora foi a utilização do termo *comportamento emocional ciumento*, para tratar do que comumente nomeamos de “ciúme”. A predileção por essa terminologia se explica pelo fato de que esse fenômeno refere-se a um conjunto complexo de comportamentos interligados, alguns deles eliciados (respondentes públicos e/ou privados) e outros emitidos (operantes públicos e/ou privados) (Costa, 2009).

Costa (2009) esboçou essas interligações, de modo a permitir uma compreensão do comportamento emocional ciumento conforme a abordagem analítico-comportamental (ver Figura 2, inspirada em Costa 2009).

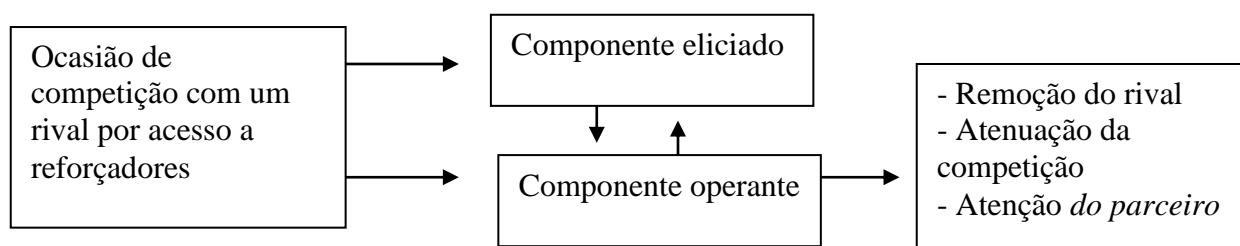


Figura 2. Representação esquemática de comportamento emocional ciumento segundo uma abordagem analítico-comportamental.

Na figura 2 observamos que em uma ocasião de competição por reforçadores, a probabilidade da perda é uma operação motivacional que aumenta o valor dos reforçadores pelos quais se compete. Respostas reflexas são eliciadas e respostas operantes podem ou não ser emitidas por serem negativamente (atenuação da competição) ou positivamente reforçadas (aquisição da atenção do parceiro/a).

Em suma, pode-se afirmar que situações que envolvem ciúme possuem uma composição triádica entre os seguintes elementos: o **sujeito** (que apresenta o comportamento emocional ciumento), o **objeto** (alvo do comportamento emocional ciumento) e o **rival** (aquele ou aquilo que se aproxima do objeto e passa a competir com o sujeito por reforçadores provindos da relação sujeito-objeto) (Costa, 2009, p. 68). O comportamento emocional ciumento ocorre apenas quando duas relações, envolvendo estes três elementos, estiverem presentes: (1) a ocasião para a competição por reforçadores [Sd]; e (2) a consequência do operante (o afastamento do rival, atenuação da situação de competição e/ou obtenção de atenção [Srf]) (p. 68). Sugere-se também que o elemento 1 também se configura como operação motivacional.

Conforme visto no tópico anterior, as relações operantes e respondentes nos fenômenos emocionais em geral (Tourinho & Darwich, 2005, Darwich 2007) informam que a consequência do operante é que produz um evento tanto reforçador quanto eliciador que pode, posteriormente, controlar novas respostas tanto reflexas quanto comportamentos operantes (Darwich, 2005). Todavia, esse aspecto não se generaliza para o comportamento emocional ciumento, no qual os componentes respondentes são eliciados pelo próprio antecedente do comportamento operante, a ocorrência da competição (Costa, 2009). Portanto, não são as consequências do comportamento ciumento que produzem estímulos para a ocorrência de novos comportamentos ciumentos. Apesar das consequências do operante do enciumado, é a ocasião para a probabilidade de perda de um reforçador por um rival que irá eliciar e/ou evocar os componentes do comportamento emocional ciumento.

### **Uma Análise do Ciúme no Terceiro Nível de Seleção**

No contexto da Análise do Comportamento, sabe-se que o comportamento humano é produto de um processo seletivo em três níveis: filogênese, ontogênese e cultura (Skinner, 1981; Andery, Micheletto & Sérgio, 2007). Diferentes eventos comportamentais poderão envolver elementos evoluídos a partir de cada um desses níveis; e a combinação desses eventos será mais ou menos complexa conforme o número de combinações de relações adicionais em cada nível e entre os níveis combinados (Tourinho, 2006). No caso do ciúme, em especial, a complexidade se dá pela evidente participação do terceiro nível de seleção do comportamento emocional ciumento, sendo

necessária, portanto, a inclusão de variáveis culturais para produzir uma explicação satisfatória desse comportamento.

Essa “participação especial” da cultura no ciúme pode ser entendida a partir da discussão proposta por Glenn (1989) para a função: 1) do comportamento verbal nas práticas culturais e 2) da competição para a manutenção ou destruição dessas práticas.

Assim sendo, considerar o ciúme no nível cultural é compreender o papel da linguagem no controle de comportamentos ciumentos, especialmente da função da descrição (pública ou privada) das contingências que poderiam ter função de estímulo discriminativo (regra) para o controle de operantes do comportamento emocional ciumento a partir do quanto isto contribui para a manutenção de uma relação interpessoal em uma prática cultural (e. g., família e trabalho). Se, para os analistas do comportamento, as regras descrevem contingências e essa descrição é possibilitada pelo contexto social do falante (Matos, 2001), torna-se importante investigar porquê e de que modo a cultura promove tais descrições.

Glenn (1989) apontou esse porquê e esse “como” no nível evolutivo das práticas culturais. Transpondo a análise da autora para “família” e “trabalho”, duas práticas culturais nas quais ciúme é comum, tem-se que essas práticas sobreviveram, e deram origem aos seus múltiplos arranjos, devido aos comportamentos não verbais que produziram os resultados específicos que aumentaram a continuação da prática (“reprodução-afeto” e “produção do trabalho”, respectivamente). O comportamento verbal que permeia as descrições do comportamento emocional ciumento nessas práticas pode ter evoluído como função das contingências que deram suporte aos comportamentos não verbais

que produziram “reprodução-afeto” e “produto do trabalho”. A comunidade verbal dá suporte à sobrevivência de uma “família”, por exemplo, somente à medida que ela consegue manter o comportamento verbal contribuindo para a sobrevivência de indivíduos em número suficiente para manter as contingências componentes da prática cultural, ao mesmo tempo em que promove a descrição de sentimentos hostis em relação àqueles que, tendo função de “rivais”, ameaçariam a sobrevivência da prática (e. g., quando algumas comunidades verbais descrevem punições para a infidelidade ou para a homossexualidade). Considerando a etimologia de ciúme (do latim *zelus*, zelo; Ferreira, 1999), a contingência original para o tato dessa emoção pode ter sido o comportamento zeloso para com a conservação das práticas culturais.

Do comportamento verbal também depende a transmissão dos “costumes” relacionados a uma determinada prática que, em geral, são aprendidos por observação do comportamento de outros (autoinstrução) ou por instruções fornecidas pelos outros. Instruções ou autoinstruções descrevem as contingências da prática, e podem funcionar como regras no controle de comportamento (Abuquerque & Paracampo, 2010; Paracampo & Albuquerque, 2005), uma vez que têm a função de alterar a probabilidade de comportamentos futuros dos membros praticantes, comportamentos esses vantajosos ao grupo. Apesar da importância dos apontamentos de Glenn (1989) e de Tourinho (2009), entretanto, muitas das pesquisas sobre o comportamento emocional ciumento têm restringido suas interpretações a recortes micros de interações sociais, em geral constituídas por uma relação interpessoal triádica, como aquelas já citadas ao longo deste artigo. Entretanto, interpretações que levam em conta

contingências sócio-verbais para analisar o ciúme podem favorecer a uma melhor compreensão do fenômeno à medida que consideram variáveis culturais:

Pensar as relações que definem emoções, sentimentos e pensamentos sob as variáveis culturais (...) pode ser produtivo porque assim se tem uma referência dos tipos de variáveis para as quais olhar ao buscar compreender aquelas relações (Tourinho, 2009, p. 182).

Portanto, a Análise do Comportamento poderá avançar em sua abordagem de sentimentos, pensamentos e emoções (incluindo o ciúme), à medida que “considerar as relações concretas, nas vidas dos indivíduos de uma cultura, em que esses fenômenos vêm a existir” (Tourinho, 2009, p.182).

Caminhando nesse sentido, Tourinho (2009) descreve que variáveis culturais produzem diferentes sentimentos que são, de certo modo, limitados por um aparato anátomo-fisiológico evoluído filogeneticamente. Alguns sentimentos podem ser o produto dessas variáveis culturais e outros podem estar mais próximos daquela base filogenética. Sendo assim, “um sentimento será mais diferenciado entre culturas quanto mais se apresentar como relações produzidas por variáveis culturais específicas” (p. 132). O caso do ciúme aponta essa diferenciação e suas especificidades emergem com o acréscimo da linguagem que, ao estar presente, é constituinte do próprio fenômeno, visto que:

com a aquisição do comportamento verbal é que as emoções, enquanto fenômenos experimentados pelo indivíduo na relação consigo mesmo, isto é, as emoções enquanto fenômenos que incluem



o responder verbal sob controle do próprio corpo, passam a existir (Tourinho, 2009, p. 126).

Portanto, esses conceitos se diversificam em diferentes culturas e, também, numa mesma cultura, se diversificam em diferentes períodos históricos. Nas palavras de Skinner (1957/1978) “partes diferentes de uma comunidade verbal, ou da mesma comunidade em ocasiões diferentes, podem reforçar respostas diferentes” (p. 227) e, devido a isto, as mudanças em uma comunidade verbal, que controlaram essa diversificação, “podem ser traçadas historicamente” (p. 469). No que tange ao ciúme, algumas das considerações do sociólogo Clanton (2006) podem esclarecer o papel dessas diferenças na “experienciação” dessa emoção no comportamento emocional ciumento.

O argumento principal de Clanton (2006) compartilha do argumento analítico-comportamental: consequências apresentadas pela comunidade verbal às manifestações ciumentas variam ao longo do tempo em nuances inter e intraculturais. Para exemplificar, ele contrasta um costume dos Índios Yurok, do norte da Califórnia - de considerar inapropriado um homem pedir um copo de água à mulher de outro homem - com um costume de algumas sociedades Esquimós – de os homens “emprestarem” suas esposas para hóspedes durante toda a noite. Para os Yuroks, é esperado o marido apresentar ciúme da sua mulher; ao contrário, é esperado que o marido esquimó mantenha-se, aparentemente, sem manifestações ciumentas pelo “empréstimo” da sua esposa a outro homem (Clanton, 2006). Assim, se diferentes consequências são apresentadas às manifestações de ciúme em cada cultura, é provável que os

modos com que os indivíduos experienciam e descrevem essa emoção sejam também diferentes em cada cultura.

Ao defender este argumento, Clanton (2006) analisa essas diferenças no âmbito da sociedade moderna atual, apontando que a experiência, expressão (emissão), interpretação e tratamento (consequenciação) do comportamento emocional ciumento têm mudado substancialmente desde a Segunda Guerra Mundial. Como contou o autor, nos anos entre o final da II Guerra e a década de 1960, quando prevalecia uma perspectiva de casamento que enfatizava o compromisso e a união, o ciúme (dentro dos limites apropriados) era considerado “natural, saudável ao casamento, uma evidência do amor” (p. 416). Com a revolução feminista ocorrida a partir da década de 1960, introduziu-se uma nova preocupação com a liberdade pessoal, e o ciúme passou a ser visto como uma emoção aprendida que evidenciava um defeito pessoal (tal como “baixa autoestima”), sendo, portanto, danosa ao casamento e a outros relacionamentos íntimos (Clanton, 2006, p. 416).

Os argumentos apresentados por Clanton apontam uma direção importante para a análise comportamental do ciúme, já que o comportamento emocional ciumento pode ser evocado por diferentes tipos de contingências, provindas de cenários intrinsecamente culturais, indicando que mudanças na sociedade e cultura produzem mudanças na experiência emocional privada do ciúme (Clanton, 1989; Clanton & Smith, 1998). Uma vez que “o mundo interno do indivíduo é constituído em interação com contingências sócio-verbais dispostas pela cultura em que ele está inserido” (Borda & Tourinho, 2009, p. 92), quando essas contingências se modificam, serão também modificadas as formas com que esse mundo interno se constituirá.

No caso específico do ciúme, mudanças nas contingências sócio-verbais implicam em transformações nas regras sociais referentes às manifestações ciumentas, constituindo-se essas regras como condições evocadoras para essas manifestações. De acordo com Clanton (2006), enquanto o senso comum, emprestando-se de vertentes tradicionais/mentalistas da Biologia e Psicologia, sugere que o ciúme é um instinto universal que requer a invenção de regras maritais, “a análise sociológica revela que, sem as regras maritais, os indivíduos não saberão quando sentir ciúmes” (p. 413).

Uma análise comportamental dessa Sociologia do ciúme mostra que as modificações nas contingências sócio-verbais se refletem não apenas nas condições evocadoras do ciúme como também nos modelos explicativos sobre a determinação do mesmo, tanto pelo senso comum quanto pela Psicologia mentalista que, conforme a crítica de Clanton (2006), quase sempre reflete o senso comum. Segundo o autor, a partir das décadas de 1960 e 1970 o enciumado era caracterizado como uma pessoa “excessivamente possessiva, insegura, desconfiada e que sofria de baixa autoestima” (p. 416) e tal caracterização, em especial a baixa autoestima, foi tomada, pela Psicologia mentalista, como “explicação” do ciúme.

Ainda que goze de estatuto de princípio científico de grande utilidade terapêutica, a noção de que fatores emocionais são causados principalmente por baixa autoestima é, na verdade, uma falsa extensão do princípio do senso comum de que o sucesso está associado à autoconfiança e com o gostar de si mesmo, e que o fracasso está associado à falta de autoconfiança e não gostar de si mesmo (ou seja, baixa autoestima) (Clanton, 2006, p. 418).

Em outro momento da sua obra, as afirmações do autor da falsa relação causal entre eventos privados e comportamentos públicos são quase que as mesmas críticas analítico-comportamentais ao mentalismo:

Explicações do comportamento humano frequentemente afirmam que baixa autoestima causa fracassos. A maioria das declarações na literatura psicológica popular sobre a relação entre baixa autoestima e fracassos pessoais ou insuficiências são circulares. Isto é, tais afirmações nada dizem além de um truísmo que pessoas bem sucedidas sentem-se melhores sobre elas mesmas do que as fracassadas, ou, pior, elas na verdade invertem a relação causal e veem a baixa autoestima como causa do fracasso, enquanto, na verdade, o fracasso é mais frequentemente a causa da baixa autoestima (Clanton, 2006, p. 418).

A atribuição mentalista de *status* causal aos eventos privados é produto de contingências sociais que não favorecem a discriminação de todas as fontes de controle de repertórios autodescritivos; na verdade, favorecem mais a discriminação do que se passa no corpo do que a discriminação das próprias relações comportamentais (Tourinho, 2006).

A ênfase no que se passa no corpo, muitas vezes em detrimento das relações comportamentais envolvidas pela cultura, “psicologiza” a análise do ciúme, ao ponto de muitos negligenciarem o fato de que emoções são respostas às situações sociais que são modeladas pela interação e aprendizagem social (Clanton, 2006). De fato, a comunidade verbal não só ensina seus membros a descreverem sentimentos, como também a denominar os operantes que lhes

são colaterais. Foi por isso que o ciúme, a partir da década de 1970, passou a ser associado a reações inadequadas, senão patológicas, tais como desconfiança, paranóia e violência (Clanton, 2006). As manifestações ciumentas levavam consigo os nomes dos operantes associados a elas. O indivíduo enciumado passou a autonomear-se com esses nomes e comportar-se sob o controle de regras relacionadas a cada um deles.

Entende-se o princípio básico desse processo sócio-histórico complexo na explicação de Tourinho (2009): “a linguagem dá origem a funções derivadas, isto é, com a linguagem introduzimos muitas novas relações como constitutivas de um fenômeno” (p. 125). O autor ilustrou assim as funções derivadas e suas consequências no caso da emoção “depressão”:

Um indivíduo que se comporta de determinados modos em certos contextos sensível (ou não) a certas conseqüências pode ser considerado por outros como “depressivo”, ou não, independentemente de se autodescrever desse modo. Todavia, quando aprende a dizer-se um indivíduo depressivo, dependendo das contingências culturais a que tiver sido exposto, pode estar aprendendo mais do que isso. Pode aprender, também, que indivíduos deprimidos são um fracasso social, têm dificuldades para cumprir funções profissionais, não são bem-sucedidos afetivamente etc. Essas descrições entram no controle de uma ampla gama de outros comportamentos e muitas mais relações (e muito mais complexas) passam a ser constitutivas de sua depressão (Tourinho, 2009, p. 125)

No ciúme não é diferente. O indivíduo que se autodenomina “enciumado” ou “ciumento” não está apenas dando um nome ao seu comportamento

emocional, mas pode também concluir que pessoas enciumadas/ciumentas são inseguras, fracassadas, inferiores e que têm baixa autoestima, porque tais estímulos verbais são equivalentes nas práticas verbais de sua cultura. A formação de classes de equivalência entre estímulos tão arbitrários (no caso, condição corporal, operante “agressividade”, nome “ciúme” e nome de uma avaliação de tudo isso, tal como “inadequado”) ocorre a partir de processo sócio-verbal complexo, denominado pelos analistas do comportamento de transferência de função para o responder relacional (Banaco & Zamignani, 2004; Dougher, et al., 1994; Sidman, 2000). Quando o indivíduo responde de modo relacional à essas descrições concorrentes a outras relações comportamentais, elas também passam a controlar diferentes classes de comportamentos, muito mais complexas, que também passarão a fazer parte das manifestações ciumentas (Tourinho, 2009).

O estudo dessas contingências complexas, portanto, torna-se um ponto fundamental na compreensão do comportamento emocional ciumento. Olhar para o ciúme enquanto um fenômeno constituído por relações comportamentais mais amplas, dentro de um contexto sócio-verbal, pode contribuir para a identificação de relações diversas desse fenômeno, buscando a multiplicidade das relações comportamentais que dele fazem parte. Um avanço nesse sentido pode ser alcançado quando analistas do comportamento dialogam com outras áreas do conhecimento, buscando uma “interlocação com análises que interpretam os problemas psicológicos como relações do homem com o mundo” (Tourinho, 2006, p.34). Com as ciências sociais, esse diálogo tem como objetivo “atentar para as variáveis culturais relevantes e perspectivas diversas de interpretação dessas variáveis” (p.34). Se os analistas do comportamento

atentarem a isso, suas análises do ciúme serão mais bem sucedidas porque enfatizarão o papel da comunidade verbal na descrição das contingências evocadoras dessas manifestações e o como seus critérios de descrição variam em diferentes grupos e variaram em diferentes momentos da história desses grupos.

### **Considerações Finais**

Em decorrência natural do que foi discutido neste artigo, analistas do comportamento tratam o ciúme sob uma perspectiva contextualista evolucionista. Apesar do contextualismo e do evolucionismo ser um avanço, pois evita explicações internalistas/mentalistas/a-históricas sobre o fenômeno, ainda se observa que muito do que os analistas do comportamento têm escrito (bem como os autores de outras áreas que têm estudado o ciúme de modo empírico) concentra-se em análises do comportamento emocional ciumento em relações interpessoais triádicas, sob recortes microssociais.

O objetivo central deste artigo foi despertar o interesse do leitor para explicações mais amplas sobre o fenômeno do ciúme, pois uma parcela importante das variáveis constituintes dele será negligenciada se não se analisar os diferentes contextos de contingências sócio-verbais nos quais ele ocorre. Sustenta-se, com isso, que analisar o ciúme no contexto das relações sócio-verbais não o torna um fenômeno mais complexo, mas desperta a atenção para uma complexidade que, atualmente, está sendo ignorada em grande parte das pesquisas sobre o tema.

## Referências

- Anderson, C. M., Hawkins, R. P., Freeman, K. A. & Scotti, J. R. (2000). Private events: Do they belong in a science of human behavior? *The Behavior Analyst*, 23, 1-10.
- Andery, M. A. P. A., Micheletto, N. & Sérgio, T. M. A. P. (2007). Modo causal de seleção por conseqüências e a explicação do comportamento. Em: M. A. P. A Andery, T. M. A. P. Sérgio & N. Micheletto (orgs.), *Comportamento e causalidade* (pp. 31-48).
- Banaco, R. A. (2005). *Ciúme e inveja*. Palestra proferida no I Congresso Brasileiro de Psicologia Clínica e da Saúde. Londrina, PR.
- Banaco, R. A., & Zamignani, D. R. (2004). An analytical-behavioral panorama on the anxiety disorders. In T. C. C. Grassi (Org.), *Contemporary challenges in the behavioral approach: A Brazilian overview* (pp. 9-26). Santo André: ESETec.
- Bandeira, K. P. (2005). *Observação do comportamento ciumento em crianças de 2 a 3 anos* (Monografia de conclusão de curso de graduação). São Luís: Universidade Federal do Maranhão, Departamento de Psicologia.
- Borba, A. ; Tourinho, E. Z. . Usos do conceito de eventos privados a luz de proposições pragmatistas. *Estudos de Psicologia (UFRN)*, v. 14, p. 89-96, 2009.
- Borloti, E. (2004). As relações verbais elementares e o processo autoclítico. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 6 (2), 221-236.
- Buss, D. M. & Haselton, M. G. (2005). The evolution of jealousy: A response to Buller. *Trends in Cognitive Sciences*, 9(11). 506-507.



- Buss, D. M., Larsen, R. J., Westen, D., & Semmelroth, J. (1992). Sex differences in jealousy: Evolution, physiology, and psychology. *Psychological Science*, 3: 251-255.
- Clanton, G. (1998). Jealousy in American culture, 1945-1985. In G. Clanton & L. G. Smith (Orgs.), *Jealousy* (pp. 258-277). New York: University Press of America. (Trabalho original publicado em 1977/1989)
- Clanton, G. (2006) "Jealousy and Envy," in Jan E. Stets and Jonathan H. Turner, eds., *Handbook of the Sociology of Emotions*, Berlin: Springer, chapter 18, pp. 410-442.
- Clanton, G., & Smith, L. G. (Orgs.). (1998). *Jealousy*. New York: University Press of America. (Trabalho original publicado em 1977).
- Costa, N. (2005). Contribuições da Psicologia Evolutiva e da Análise do Comportamento Acerca do Ciúme. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 1, 005-013
- Costa, N. (2009) *Busca de definição operacional de ciúme: uma construção teórica e empírica*. Tese de doutorado não publicada, Universidade Federal do Pará, Belém.
- Cunha, L. S. & Borloti, E. (2005). Skinner, o sentimento e o sentido. Em E. Borloti, S. R. F. Enumo, e M. L. P. Ribeiro (Orgs.), *Análise do Comportamento: Teoria e Prática* (pp. 47-57). Santo André: ESETec.
- Damásio, A. (2000). *O mistério da consciência* (L. T. Motta, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras.

- Darwchi, R. (2007). *Fenômenos emocionais no contexto explicativo do modo causal de seleção por conseqüências*. Tese de doutorado não publicada, Universidade Federal do Pará, Belém.
- Darwich, R. A., & Tourinho, E. Z. (2005). Respostas emocionais à luz do modo causal de seleção por conseqüências. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 7(1), 107-118.
- DeSteno, D. A., & Salovey, P. (1996). Evolutionary origins of sex differences in jealousy? Questioning the "fitness" of the model. *Psychological Science*, 7 (6), 367-372.
- DeSteno, D., Valdesolo, P., & Bartlett, M. Y. (2006). Jealousy and the threatened self: Getting to the heart of the green-eyed monster. *Journal of Personality and Social Psychology*, 91 (4), 626-641.
- Dougher, M. J., Augustson, E., Markham, M. R., Greenway, D. E., & Wulfert, E. (1994). The transfer of respondent eliciting and extinction functions through stimulus equivalence classes. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 62, 331-351.
- Ferreira, A. B. H. (1999). *Novo Aurélio: O dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira.
- Gongora, M. A. N. & Abib, J. A. D. (2001). Questões referentes à causalidade e eventos encobertos no behaviorismo radical. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 3(1), 4-29.
- Guilhardi, Hélio José. (2002) A Análise Comportamental do Sentimento de Culpa. In: TEIXEIRA, Adélia Maria Santos et al. (Org.). Ciência do Comportamento: Conhecer e Avançar. Santo André: ESETec. p. 171-200.

- Harris, C. R. (2003). *Factors Associated with Jealousy Over Real and Imagined Infidelity: An Examination of the Social-Cognitive and Evolutionary Psychology Perspectives*. *Psychology of Women Quarterly*, 27, 319-329
- Kandel, E. R., Kupferman, I. & Iversen, S. (2000) Emotional states and feeling. in *Principles of Neural Science*, eds. Kandel, E. R., Schwartz, J. H. & Jessell, T. M. (McGraw-Hill, New York).
- Layng, T. V. J. (2006). Emoções e comportamento emocional: Uma abordagem construcional para compreender alguns benefícios sociais da agressão. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 2 (2), 155-170.
- Lopez, FJC (2003). Jealousy: A case of application of Functional Analytic Psychotherapy. *Psychology in Spain*, 7, 86–98.
- Matos, M.A. (2001). O Behaviorismo Metodológico e suas relações com o mentalismo e o Behaviorismo Radical. In: BANACO, R.A. (org.). *Sobre comportamento e cognição*, v. 1. Santo André: ESETec
- Menezes, A., & Castro, F. (2001, setembro). *O ciúme romântico: Uma abordagem analítico-comportamental*. Trabalho apresentado no X Encontro Brasileiro de Medicina e Terapia Comportamental, Campinas, São Paulo.
- Millenson, J. R. (1975). Comportamento emocional. (A. A. Souza e D. Rezende, Trads.). In *Princípios de análise do comportamento* (pp. 405-436). Brasília, DF: Coordenada (Trabalho original publicado em 1967).
- Moore, J. (1984). *On privacy, causes and contingencies*. *The Behavior Analyst*, 7, 3-16.
- Oliveira, F. R. (2007). *Medéia - Eurípides*. São Paulo: Odisseus.

- Paracampo, C. C. P., & Albuquerque, L. C. (2005). Comportamento controlado por regras: Revisão crítica de proposições conceituais e resultados experimentais. *Interação em Psicologia*, 9, 227-237.
- Pines, A. & Aronson, E. (1983) Antecedents, correlates and consequences of sexual jealousy. *Journal of Personality*, 51, 108-136.
- Salovey, P., & Rothman, A. (1991). Envy and jealousy: Self and society. In P. Salovey (Ed.), *The psychology of jealousy and envy* (pp. 271-286). London: The Guilford Press.
- Shakespeare, W. *Otelo, o Mouro de Veneza*. São Paulo: LP&M
- Sidman, M. (2000). Equivalence Relations and the Reinforcement Contingency. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 74, 127-146.
- Skinner, B. F. (1945). The operational analysis of psychological terms. *Psychological Review*, 52, 270-277/291-294.
- Skinner, B. F. (1974) Sobre o Behaviorismo. Trad.: VILLALOBOS, Maria da Penha. 8ª ed. São Paulo: Cultrix, 2003. 216p.
- Skinner, B. F. (1976). *Walden two*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall (Trabalho original publicado em 1948).
- Skinner, B. F. (1978). *O Comportamento Verbal*. (M. P. Villalobos, Trad.). São Paulo: Cultrix. (Trabalho original publicado em 1957).
- Skinner, B. F. (1978). *Ciência e comportamento humano*. São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1953).

- Skinner, B. F. (1984). Contingências do reforço: uma análise teórica. (R. Moreno, Trad.). *Coleção "Os pensadores"*. São Paulo, Abril Cultural. (Trabalho original publicado em 1969).
- Skinner, B. F. (1984). Selection by consequences. *The Behavioral and Brain Sciences*, 7, 477-481. (Original publicado em 1981) Skinner, B. F. (1985). Cognitive science and behaviourism. *British Journal of Psychology*, 76, 291-301.
- Skinner, B. F. (2003) *Questões Recentes na Análise Comportamental*. (A. L. Néri, Trad.). 4ª ed. Campinas: Papyrus Editora. (Trabalho Original Publicado em 1989).
- Tarrier, N., Beckett, R., Harwood, S., et al (1990) Morbid jealousy: a review and cognitive-behavioural formulation. *British Journal of Psychiatry*, 157,319-326.
- Tourinho, E. Z. (1997). Evento privado: funções e limites do conceito. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 13 (2), 203-209.
- Tourinho, E. Z. (2006). *Private stimuli, covert responses, and private events: Conceptual remarks*. *The Behavior Analyst*, 29(1), 13-31
- Tourinho, E. Z. (2007). Conceitos científicos e "eventos privados" como resposta verbal. *Interação em Psicologia*, 11(1), 1-9.
- Tourinho, E. Z. (2009). *Subjetividade e relações comportamentais*. São Paulo: Paradigma.
- White, G. L. (1991). Self, relationship, friends, and family: Some applications of systems theory to romantic jealousy. In P. Salovey (Ed.), *The psychology of jealousy and envy* (pp. 231-251). London: The Guilford Press

## ***Estudo II***

# **Análise Comportamental do Ciúme em Contexto Experimental: a inserção de variáveis sócio-verbais**

Filipe Moreira Vasconcelos

(Universidade Federal do Espírito Santo)

### **RESUMO**

A maioria das pesquisas sobre ciúme na Psicologia é de caráter descritivo, sendo que os estudos experimentais, além de escassos, provêm de autores que se fundamentam em perspectivas de análise mentalistas e/ou internalistas. Neste artigo buscou-se investigar experimentalmente o ciúme através de um arranjo social arquitetado em laboratório, tendo como base a abordagem externalista da Análise do Comportamento. Esta pesquisa contou com 8 participantes, de ambos os sexos, com idade entre 18 e 25 anos, que cursavam o ensino superior em uma faculdade privada de Vitória-ES, e compuseram duas classes (aqueles que interagiam na contingência e aqueles que inferiam os sentimentos dos que interagiam). O método utilizado foi o delineamento de sujeito único, em que os dados de cada participante foram comparados individualmente nas duas fases do procedimento. O procedimento foi dividido em Fase 1 (ausência de competição por reforçadores) e Fase 2 (presença de competição por reforçadores). Os resultados mostraram que o contexto experimental arranjado foi suficiente para gerar respostas ciumentas nas situações em que havia competição (Fase 2). Eles permitiram também a operacionalização das variáveis necessárias para a evocação do

comportamento emocional ciumento e a elucidação das variáveis necessárias para as inferências de sentimentos provindas de indivíduos membros de uma comunidade sócio-verbal.

Palavras-chave: Ciúme, Análise do Comportamento, Estudo experimental.

## **ABSTRACT**

Most research on jealousy in psychology is descriptive, and experimental studies, and few, come from authors who are based on perspectives of mental analysis and / or internal. In this article we sought to investigate experimentally through the jealousy of a social arrangement devised in the laboratory, based on the externalist approach of Behavior Analysis. This research included 8 participants of both sexes, aged between 18 and 25 years who were enrolled in higher education in a private college of Vitória-ES, and composed two classes (those who interacted in the contingency and those that emerge from the feelings of interacting). The method used was the design of single subject, in which data from each participant were individually compared in the two phases of the procedure. The procedure was divided into Phase 1 (no competition for boosters) and Phase 2 (presence of competition for boosters). The results showed that the experimental context was arranged jealous enough to generate responses in situations where there was competition (Phase 2). They also allowed for the operationalization of the variables necessary for the evocation of emotional behavior and jealous of the variables needed to elucidate the implications of feelings coming from individual members of a community social and verbal.

Key words: Jealousy, Behavior Analysis, Experimental study.



## Introdução

A emoção ciúme deve ser vista como parte do que Costa (2009) denominou de “comportamento emocional ciumento”. Esse comportamento tem componentes que, segundo Skinner (1945), são “eventos privados” (*i. e.*, estímulos e respostas inacessíveis à observação pública direta) que constituem parte importante do ambiente restrito ao próprio indivíduo rotulado de “ciumento”, e envolve emoções, sentimentos e pensamentos, enfim, a tão mencionada subjetividade (Borda & Tourinho, 2009).

A importância dada aos eventos privados ou subjetivos culminou na atribuição de *status* causal aos mesmos (Skinner, 1974/2003). No caso do ciúme, a estimulação ambiental antecedente ao comportamento é, em geral, facilmente reconhecida. Entretanto, muitas vezes, o ciúme é visto como “causa” do comportamento ciumento (Skinner, 1974/2003). Na Análise do Comportamento, entretanto, a emoção nomeada como “ciúme” é um produto concomitante ou colateral de interações do indivíduo com o meio externo ao corpo e “nenhum relato do que está acontecendo dentro do corpo” irá explicar as origens do comportamento emocional ciumento (Skinner, 1989, p. 24).

O termo “colateral” não significa menos importante. A emoção ciúme, por exemplo, pode assumir diferentes funções nas relações comportamentais definidoras do comportamento emocional ciumento. Assim, por exemplo, ela pode ser estímulo eliciador da agressividade, estímulo reforçador de comportamentos do outro na relação, discriminativo para esquivas ou operação motivacional para as consequências da proteção de uma relação ameaçada

(Moore, 1984; Anderson, Hawkins, Freeman & Stocks, 2000; Tourinho, 2006). Essa análise funcional das relações comportamentais envolvidas no comportamento emocional ciumento deve ser buscada na terapia comportamental quando o “ciúme” for uma das queixas centrais (Tourinho, 2007).

Uma análise funcional, portanto, não é uma análise causal (Moore, 1984). O controle de respostas públicas pela condição corporal sentida como parte do comportamento emocional ciumento é seletivo e depende da correlação com um evento público para adquirir e manter a função de estímulo ou de operação motivacional. Por exemplo, o relatar “estou morrendo de ciúmes” se mantém pelo reforço advindo da mudança de comportamento em alguém por quem “se morre de ciúmes” ou advindo de um ouvinte que poderá mediar essa mudança. Se não houver ouvinte, o relatar não é evocado, apesar de o evento público continuar a ocorrer.

Em outras palavras, o comportamento público pode não ser controlado pelo estímulo privado. Emoções e pensamentos componentes do comportamento emocional ciumento devem ser vistos como “elementos de uma cadeia de eventos em que o primeiro elo será sempre um evento atual do ambiente externo” (Gongora & Abib, 2001, p. 20). A função desses componentes privados (emoções ou pensamentos) depende de uma correlação com esse evento atual, de modo que eles não podem ser tomados como explicações (Tourinho, 2006), tais como algumas comumente escutadas: “Eu agredi porque estava louco de ciúme” ou “Contratei um detetive porque pensei que ela estava me traindo”.

O papel do evento privado como estímulo discriminativo para respostas verbais autodescritivas de tato (Skinner, 1957/1978) deve ser considerado também no comportamento emocional ciumento: o evento privado (condição corporal) assume controle discriminativo verbal e, portanto, o indivíduo se autodenomina “ciumento” na interação com uma comunidade sócio-verbal que reforça o comportamento verbal de tato desse evento privado, o “ciúme” (Skinner, 1957), a partir de uma resposta (e. g. xingar) em conexão com um evento público (interrupção de uma condição de zelo) cuja propriedade é transferida ao evento privado (é por isso que, etimologicamente, ciúme e zelo tem o mesmo radical, num tipo de origem metafórica, já que todos os nomes de sentimentos foram “emprestados” dos eventos públicos, Skinner, 1974/2003).

Essa participação da linguagem forja uma diferenciação entre emoção e sentimento, ou seja, entre processos fisiológicos (respondentes) e processos verbais (operantes), respectivamente (Darwich & Tourinho, 2005; Damásio, 2000; Kandel, Kupferman & Iversen, 2000; Cunha & Borloti, 2005). Dado que processos verbais são culturais, respondentes e operantes se interrelacionam no comportamento emocional ciumento a partir da determinação do terceiro nível de seleção do comportamento (Skinner, 1981). Isso mostra que um contexto cultural específico é responsável pela existência do ciúme como parte da subjetividade do indivíduo que se comporta (Tourinho, 2009).

Essa interrelação entre comportamento, fisiologia e cultura pode justificar o fato de o ciúme ser um dos temas em voga nas discussões interdisciplinares. Entretanto, apesar do ciúme estar despertando o interesse de autores na Sociologia (Clanton, 2006; Clanton & Smith, 1998), Medicina (Ballone, 2010) e Psicologia (Buss, Haselton, 2005; DeSteno, Valdesolo & Bartlett, 2006; Costa,

2009), pesquisas empíricas sobre este tema têm sido relativamente escassas, ocorrendo em maior número apenas a partir da década de 80 (Smith, Kim & Parrott, 1988). A maioria dessas pesquisas empíricas é de cunho não experimental, e utilizam instrumentos padronizados (em geral, questionários) como o principal meio de obtenção de dados, que são analisados de modo correlacional. Exemplos em maior quantidade estão na Psicologia Evolucionista e descrevem teorias explicativas para a evolução do ciúme, em geral, a partir das diferenças de gênero (Buss, Larsen, Westen & Semmelroth, 1992; Buss, Haselton, 2005; Lishner, Nguyen, Stocks & Zillmer, 2008). Nessas pesquisas, os participantes têm que imaginar um relacionamento fictício com um(a) parceiro(a), no qual sentem ciúme, e, por meio das explicações do que sentem, os pesquisadores inferem variáveis hipotéticas que possam explicar o ciúme.

Segundo DeSteno, Valdesolo & Bartlett (2006), esse método “imaginativo-correlacional” é limitado. Na justificativa deles, os delineamentos de pesquisa que buscam compreender o que influencia uma emoção sem uma verdadeira indução *in vivo* da mesma demonstram uma evidente fragilidade; seus autores pautam suas conclusões em razões dadas pelos participantes para ao que eles sentiriam e não ao que sentiram de fato. Este argumento é válido para o ciúme:

Somente com a habilidade para manipular o ciúme e subsequentemente mensurar... resultados comportamentais no tempo real, podemos fornecer evidências fortes para uma teoria específica ser organizada. Em sua ausência, algo é abandonado pela confiança em um dado provindo de cenários hipotéticos ou no uso de medidas correlacionais... que são em si mesmos insuficientes para estabelecer

nexo de causalidade (Segundo DeSteno, Valdesolo & Bartlett, 2006, pag. 628).

A crítica de Harmon-Jones, Peterson & Harris (2009) caminha neste mesmo sentido:

Reações a cenários hipotéticos que fazem pouco para envolver o participante podem ser substitutos pobres para respostas emocionais em situações reais... Medidas hipotéticas podem mostrar validade pobre por que evocam um pensamento inferencial complexo mais do que reações emocionais imediatas (p. 114)

DeSteno, Valdesolo & Bartlett (2006) e Harmon-Jones, Peterson & Harris (2009), apesar de não serem analistas do comportamento, estão sugerindo que requisitar um indivíduo para imaginar uma dada situação na qual ele poderia ficar enciumado pouco serviria para eliciar/evocar as respostas reflexas/operantes componentes do comportamento emocional ciumento na mesma intensidade ou força. Além disso, a própria contingência responsável pela ocorrência de comportamentos ciumentos não pode ser substituída pelo controle por regras exercido pelos questionários tão utilizados nessas pesquisas.

Na Análise do Comportamento há um número elevado de publicações sobre fenômenos emocionais (Moore, 1984; Anderson, Hawkins & Scotti, 1997; Tourinho, 2009), mas poucos se ocupam com o ciúme. O pouco do que se tem feito em direção à essa emoção é, provindo dos trabalhos de pesquisadores brasileiros (Banaco, 2005; Bandeira, 2005; Menezes e Castro, 2001; Costa, 2005; 2009), porém, seus procedimentos, em geral, também não os

caracterizam como investigações experimentais, o que compromete o fornecimento de informações sobre as propriedades do comportamento emocional a partir dos contextos controlados que o geram, de modo a elucidar o controle das variáveis funcionais desse comportamento *in vivo*, tão hipotetizadas nas pesquisas “imaginativo-correlacionais”.

Apesar do conhecimento geral sobre comportamento emocional ser a base para a compreensão de toda emoção, cada comportamento emocional tem suas vicissitudes e, portanto, cada um deveria ser pesquisado de modo independente, para que, conhecendo suas diferenças, se conheçam suas igualdades. O ciúme destaca-se das demais emoções, pois as contingências não verbais e verbais que evocam o comportamento emocional ciumento são particularizadas por cada contexto cultural (Clanton, 2006).

A necessidade de realizar experimentos com o tema ciúme manipulando as contingências não verbais e verbais que evocam o comportamento emocional ciumento está presente no objetivo deste estudo, o qual investigou o efeito de contingências previamente programadas envolvendo um rival sobre a ocorrência do comportamento emocional ciumento.

### **Demonstrações Experimentais Do Ciúme**

As pesquisas experimentais sobre ciúme podem ser divididas em duas categorias: 1) aquelas de recorte internalista, cujas interpretações dos resultados relacionam o ciúme com outros eventos subjetivos, em geral com *status* “causal” (Hart, S., Field, T., Del Valle, C., & Letourneau, M., 1998; Miller, Volling e McElwain, 2000; Hart & Carrington, 2002; Thompson, 2004; Hart, Carrington,

Tronick, & Carrol, 2004; DeSteno, Valdeloso & Bartlett, 2006; Thompson e Halberstadt, 2008; Harmon-Jones, Peterson e Harris, 2009) e 2) aquelas de recorte externalista, cujos resultados são analisados conforme uma concepção contextualista (Bandeira, 2005; Costa, 2009). Duas pesquisas de recorte internalista merecem destaque por suas conclusões complementarem as do presente artigo e por terem adultos como participantes: a de DeSteno, Valdeloso & Bartlett (2006) e a de Peterson & Harris (2009). Uma pesquisa de recorte externalista (Costa, 2009), também será destacada por sistematizar um arranjo experimental para investigação do comportamento emocional ciumento sob um enfoque analítico-comportamental.

De fato, DeSteno, Valdeloso & Bartlett (2006) realizaram dois estudos.

O primeiro estudo objetivou demonstrar que o ciúme pode ser evocado em uma situação de laboratório e investigar se o mesmo é mediado pela ameaça à autoestima. Conforme a hipótese dos autores, a intensidade do ciúme poderia variar como uma função direta do decréscimo na autoestima. Participaram 46 graduandos, que foram randomicamente designados às condições ciúme e controle. O procedimento se configurava da seguinte forma: cada participante chegava à sala de laboratório acompanhado de um Ator, sempre do sexo oposto, que simulava o papel de parceiro. Ambos eram instruídos pelo experimentador de que o objetivo da pesquisa era examinar diferenças nos níveis de desempenho em tarefas quando estas eram desempenhadas em duplas ou a sós. Também era informado que outros dois participantes estavam atrasados, sendo necessário, portanto, aguardá-los por alguns instantes para dar início às atividades. Nesse intervalo, o Ator se apresentava ao Participante com uma conversa previamente determinada e,

após 3 minutos de conversação, eles eram instruídos a dar início às tarefas mesmo na ausência dos demais integrantes. Na primeira tarefa, Ator e Participante trabalhavam sozinhos, e a partir da segunda, o Ator convidava o Participante para trabalharem em dupla. Durante os próximos 5 minutos, a tarefa do Ator era assegurar que o Participante estava se divertindo ao trabalhar com ele. Isso era alcançado por meio de sorrisos e respostas verbais demonstrativas de agrado. Decorridos 5 minutos, um terceiro ator, chamado de Rival (sempre do mesmo sexo do Participante), chegava ao laboratório, desculpando-se pelo atraso. O experimentador informava-o que ele(ela) poderia terminar as primeiras tarefas no final do experimento, podendo, portanto, iniciar na mesma tarefa em que o Ator e o Participante estavam realizando. O(a) Rival, então, sentava-se próximo ao Ator e ao Participante e durante 3 minutos os três trabalhavam juntos. Durante esse período, o Rival fornecia mais atenção e interação ao Ator do que ao Participante.

Em seguida ocorre o momento crítico do experimento. Na condição ciúme, o Ator repentinamente simulava ter um *insight* e questionava o Participante e o Rival se era permitido realizar as tarefas em trio. Ele então se retirava para questionar o experimentador e este confirmava que as tarefas deveriam ser realizadas apenas em duplas ou a sós. O Ator então retornava à sala de tarefas informando essa regra ao Participante e Rival e, logo em seguida, convida o Rival a continuar o restante das tarefas como seu parceiro(a). O convite era aceito e ambos iam para outro computador. Já na condição controle, o Ator repentinamente notava que havia se esquecido de que deveria estar em uma entrevista naquele momento. Ele informava o experimentador



sobre a entrevista e dizia que terminaria as tarefas em outro momento, retirando-se do laboratório.

Conforme os autores relataram, a condição de trabalhar em dupla foi prazerosa em ambas as situações. Entretanto, segundo eles, a variação no procedimento foi bem sucedida ao evocar ciúme: na condição ciúme, a perda do parceiro foi devido a um rival, enquanto que na condição controle, a perda não se deveu a isso. Os participantes relataram altos níveis de ciúme na condição ciúme em relação à condição controle. Os questionários preenchidos pelos participantes que estavam na condição ciúme também indicaram um decréscimo da autoestima. Os autores concluíram, portanto, que há indícios experimentais de que a ameaça à autoestima evoca o sentimento de ciúme.

No Estudo 2, participaram 43 graduandos (30 mulheres e 13 homens). Da mesma forma que no Estudo 1, o Ator era sempre do sexo oposto ao do participante. A diferença em relação ao Estudo 1 é que os participantes eram informados que participariam também de uma investigação sobre a relação entre o tipo de personalidade e a preferência por alimentos. Neste caso, antes do início do procedimento, eles preenchiam um questionário informando o grau de apreciação por diversos sabores: doce, azedo, salgado, apimentado, baunilha e sabor de frutas. As preferências poderiam ser classificadas em uma escala de 1 (definitivamente não gosto) a 21 (gosto ao extremo). Os participantes eram também informados de que, ao final do experimento, forneceriam certa quantidade de alimento para os demais sem que fossem identificados. O delineamento experimental então ocorria conforme o Estudo 1 e, ao final do experimento, cada integrante era dirigido a uma sala tendo em mãos os questionários de preferências de sabores dos demais integrantes, bem como

três caixas contendo três itens de alimentos: caldo de chocolate, suco de frutas e molho de pimenta. Neste momento, os participantes eram informados de que tanto o Ator quanto o Rival foram randomicamente designados a receber amostras de alimento apimentado, e eles (os Participantes) poderiam, portanto, escolher a quantidade desse alimento que os demais integrantes deveriam experimentar. De acordo com os autores, a agressividade neste caso estaria correlacionada à quantidade de alimento apimentado que cada participante fornecesse tanto ao Ator quanto ao Rival.

Os resultados indicaram que, assim como no Estudo 1, a condição ciúme resultou no aumento do relato de ciúme e no decréscimo da autoestima. No que tange às medidas de agressividade, os dados forneceram evidências claras de que comportamentos agressivos ocorreram em maior número na condição ciúme do que na condição controle. Outro ponto importante foi que não houve distinção entre o alvo da agressão: a hostilidade foi direcionada tanto para o rival quanto para o parceiro. Os autores concluíram, por conseguinte, que o “ciúme” consiste em uma resposta a uma situação de rejeição social específica – “a rejeição iminente ou presente por um parceiro em favor de um rival” (p. 635).

Ao examinarmos essa pesquisa, precisamos notar que seu delineamento experimental conduziu a coleta de dados de modo a que os resultados de cada participante fossem comparados com os de outros participantes, e não com seu próprio desempenho. Sendo assim, uma variação possível e relevante que poderia ser realizada no estudo de DeSteno, Valdeloso & Bartlett (2006) seria que cada participante passasse tanto pela condição controle quanto pela condição ciúme, e então os resultados em cada uma das etapas fossem comparados. Deste modo, a pesquisa deixaria de ser entre-sujeitos e passaria a

ser intra-sujeito, evitando misturar dados efetivamente comportamentais (relativos aos desempenhos dos participantes) com a diferença entre os desempenhos (de dois ou mais participantes), que é um dado não comportamental (Sampaio, Azevedo, Cardoso, Lima, Pereira & Andery, 2008).

Ainda no viés internalista, Harmon-Jones, Peterson e Harris (2009) elaboraram um experimento cujo objetivo era investigar se o ciúme poderia ser evocado em uma situação de rejeição social arquitetada em um jogo de futebol para computador. O estudo teve 162 participantes, sendo 80 do sexo masculino e 82 do sexo feminino. A cada um dos participantes eram apresentadas oito fotos de jogadores, sempre do sexo oposto, de modo a que escolhessem aquele(a) que seria seu(sua) parceiro(a). Todos os participantes eram incluídos nos dois primeiros minutos do jogo. Metade deles sofriam ostracismo na segunda metade da partida (a bola não era mais tocada para eles). Após o procedimento, cada participante preenchia um questionário para avaliar emoções e outras reações que poderiam ter ocorrido durante o jogo. Conforme revelado pelos autores, os resultados indicaram que os participantes relataram mais ciúme quando foram excluídos por jogadores do mesmo sexo do que por jogadores do sexo oposto. Análises adicionais revelaram também que não houve diferença significativa entre gêneros no relato de ciúme.

No que tange às pesquisas experimentais com enfoque analítico-comportamental, Costa (2009) realizou um estudo com os seguintes objetivos: 1) verificar se o comportamento emocional ciumento em crianças pode ser observado em situações experimentais nos quais um reforçador potencial para a criança fosse partilhado – no caso, a atenção de um cuidador (mãe, pai, tio ou babá); 2) distinguir padrões comportamentais observados na simples redução da

atenção provida por um adulto de padrões que ocorrem quando essa redução de atenção é provocada pela presença de um rival. Participaram dessa pesquisa 16 díades adulto-criança, sendo que a idade das crianças variava entre dois a cinco anos. Cada idade (dois, três, quatro e cinco anos) correspondeu a um grupo: Grupo I (crianças de dois anos), Grupo II (crianças de três anos), Grupo III (crianças de quatro anos) e Grupo IV (crianças de cinco anos). Em cada um dos grupos haviam 4 crianças, duas do sexo masculino e duas do sexo feminino, além de duas delas pertencerem às classes sociais A ou B e duas às classes C ou D, conforme critério de classificação por renda, escolaridade e bens de consumo.

O procedimento configurou-se da seguinte forma: cada sessão foi constituída de três condições, com duração mínima de um minuto cada. Na Condição 1 (C1), o adulto e a criança deveriam interagir com os brinquedos disponibilizados sobre o tapete pela experimentadora. Quando o adulto estava segurando o boneco, iniciava-se a Condição 2 (C2) na qual ele deveria interagir com o boneco e ignorar a criança. Na Condição 3 (C3), o adulto deveria abaixar a cabeça ou olhar fixamente para um ponto da sala, ignorando completamente a criança. Para metade dos participantes, em cada grupo, ora a C2 foi apresentada antes da C3 (C1, C2, C1, C3 e C1) ora a C3 foi apresentada antes da C2 (C1, C3, C1, C2 e C1). A duração total de cada sessão variou entre cinco minutos e 44 segundos a sete minutos e 21 segundos.

Os resultados obtidos pelo estudo indicaram que: 1) o delineamento experimental foi capaz de produzir a ocorrência do comportamento emocional em condições controladas de laboratório; 2) mudanças no procedimento (como a substituição do boneco rival por um assistente de

pesquisa ou mesmo por um irmão do participante, além do aumento na duração do tempo das condições) diminuíram a variabilidade comportamental dos participantes, tornando mais evidente o efeito da manipulação experimental; 3) não houve diferenças de gênero, o que corrobora estudos anteriores sobre a baixa evidência dessas diferenças em bebês e crianças novas e; 4) não houve diferenças com respeito aos níveis socioeconômicos dos participantes (Costa, 2009).

Em oposição aos estudos experimentais citados anteriormente, o delineamento experimental utilizado por Costa (2009) foi o de sujeito único, onde os resultados de cada participante foram comparados com seus próprios desempenhos em diferentes condições. Conforme Sampaio (et al, 2008), esse tipo de delineamento é mais útil na explicação de um organismo singular, “ao passo que evita cálculos que agregam resultados, como médias de desempenhos de grupos de indivíduos, que não representam corretamente o desempenho de nenhum de seus membros” (p. 154).

Reconhecendo os benefícios desse tipo de delineamento experimental, o presente artigo buscou investigar o comportamento emocional ciumento em situações controladas de laboratório nos moldes desse delineamento.

O desenho experimental descrito adiante seguiu as proposições de analistas do comportamento quanto às contingências responsáveis pela evocação do comportamento emocional ciumento (Skinner, 1948/1976; 1969/1984; Banaco, 2005; Bandeira, 2005; Menezes e Castro, 2001; Costa, 2005; Costa, 2009). O que é consenso entre esses autores é que esse comportamento ocorre em situações de competição, representadas pela

sinalização da perda de reforçadores (parceiros amorosos, objetos etc.) por um rival.

Costa (2009) sistematiza que as circunstâncias que envolvem ciúme compõem uma relação triádica, integrada pelos seguintes elementos: o *sujeito* (que apresenta o comportamento emocional ciumento); o *objeto* (alvo do comportamento emocional ciumento) e; o *rival* (aquele ou aquilo que se aproxima do objeto e passa a competir com o sujeito por reforçadores provindos da relação sujeito-objeto) (Costa, 2009, p. 68). O delineamento experimental aqui apresentado envolveu cada um desses elementos, e as variáveis de interesse foram: *variáveis independentes* – o contexto social arranjado em laboratório constituído pela presença de um rival (simulado por um ator) em uma situação de competição, bem como a sinalização da perda de um reforçador (no caso, atenção provinda de um monitor[a]); e *variáveis dependentes* – a emissão de topografias operantes cuja função fora eliminar e/ou atenuar a situação de competição.

## **MÉTODO**

### **Participantes**

Foram selecionados 8 *participantes*, com idades entre 18 e 25 anos, que realizavam curso superior em uma faculdade particular de Vitória-ES. Todos eles foram divididos em dois grupos – Participantes e Observadores – com quatro integrantes cada (dois do sexo feminino e dois do sexo masculino). Participantes, propriamente ditos (com “P” maiúsculo), foram dois rapazes e

duas moças que interagiram com os assistentes de pesquisa que foram instruídos pelo experimentador a ocuparem a função de um(a) rival ou de um(a) parceiro(a) deles ou delas no arranjo social para a ocorrência do ciúme (no caso, a situação de competição). Observadores(as) foram dois rapazes e duas moças que exerceram a função de membros da comunidade verbal (o contexto sócio-verbal) para a inferência da ocorrência de sentimentos nos(as) Participantes. Ao todo, este estudo envolveu 17 integrantes com as seguintes funções: um experimentador, oito participantes (dois Participantes e duas Participantes; dois Observadores e duas Observadoras) e oito assistentes de pesquisa (alunos[as] de Psicologia especialmente treinados[as] assim: um “rival”, uma “rival”; dois “parceiros-assistentes” e duas “parceiras-assistentes”; e dois registradores de comportamentos).

Para verificar se havia diferenças na evocação do comportamento ciumento conforme a existência ou não de relacionamento amoroso, duas assistentes de pesquisa que ocuparam a função de “parceiras” dos rapazes Participantes também eram namoradas deles. Observadores e Observadoras não possuíam vínculo amoroso com nenhum(a) dos(as) Participantes; a presença de Observadores de ambos os sexos visou à verificação de diferenças entre os sexos no tato de sentimentos alheios. Os dois assistentes registradores de comportamentos foram treinados na técnica de registro cursivo (Danna & Matos, 1999) para registrar operantes motores e vocais dos(as) Participantes.

Os Participantes eram convidados a serem voluntários de uma pesquisa sobre o comportamento humano em situações de competição. O convite era feito individualmente pelos assistentes e registradores de comportamento. As duas assistentes “parceiras” convidaram seus namorados para serem

Participantes sob o pretexto de que precisavam da ajuda deles em uma pesquisa da Faculdade sobre competição. Para aumentar a probabilidade de evocar comportamento emocional ciumento, os(as) assistentes “rivais” e “parceiros(as)” foram selecionados a partir do “atrativo físico” mais próximo para os(as) Participantes, ou seja, a seleção dos(as) mesmos(as) atentou para “aquilo que melhor representa o próprio conceito do ideal sobre a aparência e que proporciona o maior prazer aos sentidos” (Hatfield & Sprecher, 1986, p. 4). Segundo Caballo (2003), esse atrativo é de notável interesse em membros do sexo oposto.

### **Local, Instrumentos e Material**

O ambiente de laboratório, onde foi realizado o procedimento, foi montado em uma sala de ludoterapia (sala experimental) que tinha uma sala de observação anexa. A parede que unia ambas as salas era um espelho unidirecional, que permitia ao pesquisador, aos(às) Observadores(as) e aos registradores de comportamento ver e ouvir e, conseqüentemente, registrar as respostas verbais e motoras dos(as) Participantes. Duas mesas foram posicionadas na sala experimental, uma em frente à outra, de modo que cada Participante sentasse em uma delas e pudesse ver o seu rival sentado na outra. Sobre cada mesa havia um *laptop*, com processador *Core 2 Duo*, 3 Gb de Memória RAM, disco rígido de 320 Gb, monitor colorido de 15”, *mouse* e caixas acústicas, no qual estava instalado o *software* Psychotacto 3.0 (Cunha, Borloti & Cunha 2009) que manejava as conseqüências dos comportamentos dos(das) Participantes num jogo de cartas no qual os resultados adquiridos eram



definidos por uma programação prévia, e não pelo desempenho dos(das) Participantes (para uma melhor descrição do *software* ver Anexo 6). O jogo de cartas era similar a um procedimento de *matching to sample* (Sidman, 1971/1994), entretanto, o(a) Participante deveria escolher uma carta oculta (dentre duas) que supunha ser igual a uma carta exposta. A Figura 1 apresenta a configuração da principal tela mostrada no monitor pelo *software*. A Figura 2 representa a configuração dos papéis que cada integrante da pesquisa desempenhou e sua respectiva localização na sala do experimento:

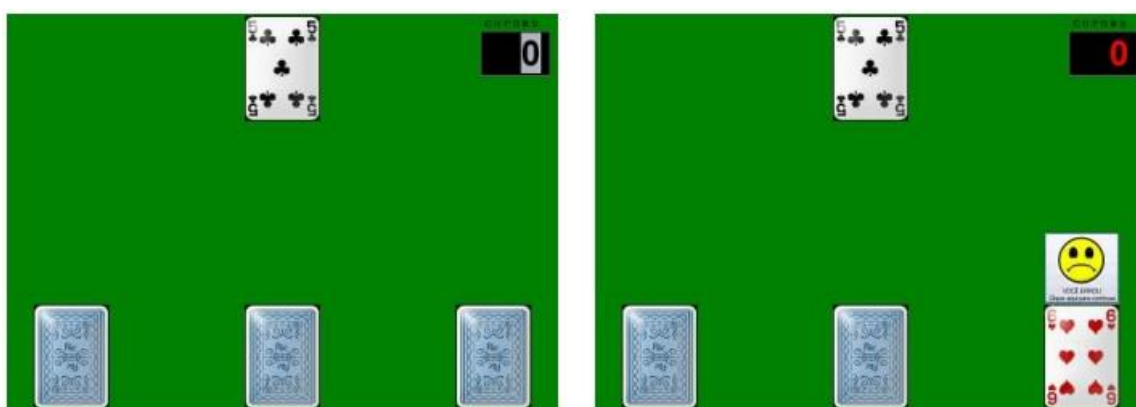


Figura 1 – Telas com uma sequência programada.

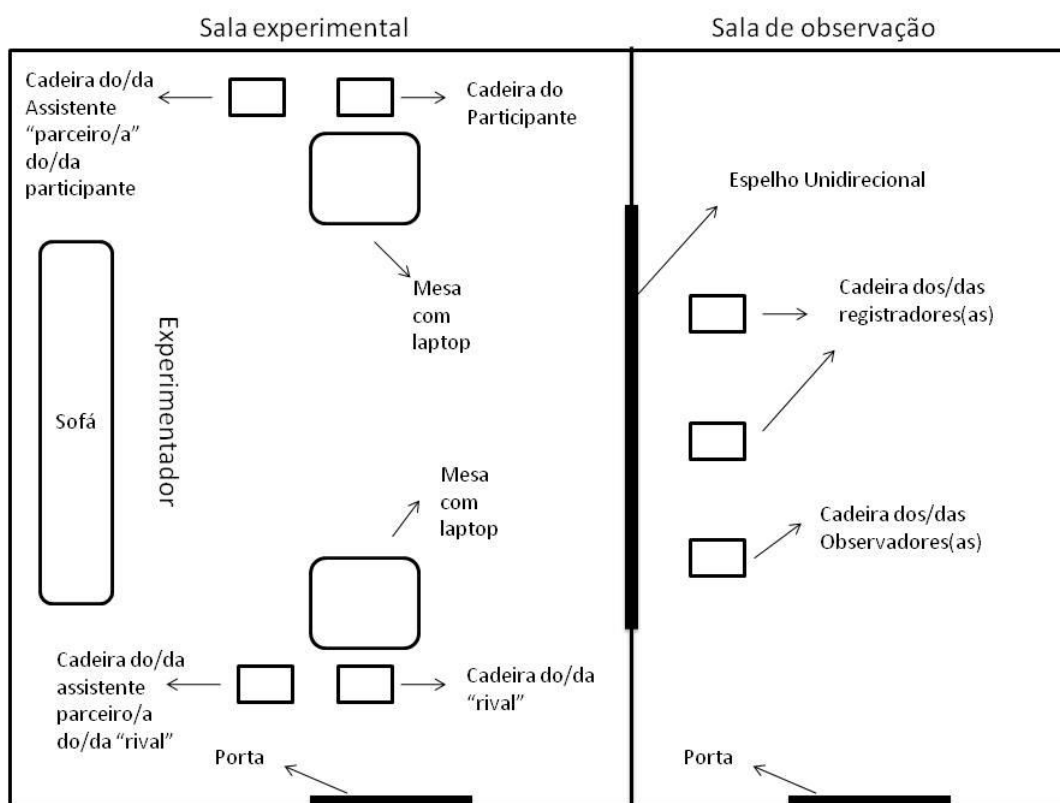


Figura 2. Configuração e localização dos integrantes da pesquisa na sala experimental e de observação.

Disponibilizaram-se também aos Participantes dois questionários para que assinalassem os sentimentos que lhe ocorressem na metade e no final do procedimento, em relação tanto ao jogo de cartas quanto ao(à) assistente "parceiro(a)" (Anexos 2 e 3, respectivamente). Dois outros questionários foram disponibilizados aos(às) Observadores(as) (Anexos 4 e 5 respectivamente) para que assinalassem os sentimentos que inferissem ter sido sentidos pelos Participantes em relação ao(à) assistente "parceira" nos mesmos momentos do procedimento.

## Procedimento

## Preparação e instruções para a coleta de dados

Assim que chegavam ao local da pesquisa, cada Participante era encaminhado(a) pelo experimentador à sala experimental enquanto, concomitantemente, um registrador de comportamento conduzia um(a) Observador(a) do sexo oposto ao do(a) Participante para a sala de observação. Na sala experimental, o(a) Participante era solicitado(a) que sentasse e aguardasse até que um(a) assistente de pesquisa do mesmo sexo que o dele(a) – o(a) “rival” – sentasse na cadeira em frente à que ele(a) se sentou. Nesse momento, o experimentador entregava ao Participante o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE, Anexo 1) para a participação. Concomitantemente, na sala de observação, Observadores e Observadoras também assinavam o TCLE e eram instruídos(as) a assinalar nas folhas de registro o que o(a) Participante estivesse sentindo, primeiro na metade e depois no final do procedimento.

Estando o(a) Participante e os(as) assistentes “parceiros(as)” posicionados(as) na sala experimental, o experimentador, então, dava-lhes a seguinte instrução: *“Este é um jogo de competição que durará cerca de 30 minutos. É um jogo em que vocês têm que acertar qual das cartas escondidas é a carta exposta e, para esta tarefa, contarão com a ajuda desse(dessa) assistente exclusivo(a), só para vocês [apresenta o/a assistente de cada Participante/assistente “rival”]. Na metade do tempo, a competição será interrompida para que vocês escrevam o que estão sentindo em relação ao jogo e à ajuda recebida; ao final do tempo terão de novo que escrever o que estão sentindo. Será vencedor aquele que obtiver a maior pontuação, e ganhará como*

*prêmio esta caixa de bombom* [mostrava e deixava à mostra a caixa de bombom]. A ênfase dada a essa exclusividade dos(das) assistentes “parceiro(as)” objetivou criar uma contingência social que assemelhasse ao que no senso comum chama-se “relação de posse” entre Participante e seu(sua) respectivo(a) assistente “parceira” no jogo, de modo a aumentar a probabilidade de evocação do ciúme a partir de uma ameaça sobre essa “posse”(Banaco, 2005).

De modo semelhante, estando os(as) Observadores(as) posicionadas na sala de observação, os registradores de comportamento os instruíam a inferir os sentimentos dos Participantes tanto em relação ao jogo quanto em relação aos assistentes “parceiros(as)” nas duas fases do procedimento, assinalando nas folhas de registro.

#### Fases da coleta de dados

##### *FASE 1 – Ausência de Competição.*

Nessa fase cada Participante e cada assistente “rival” realizou a tarefa do *software* Psychotacto juntamente com seu(sua) assistente “parceiro(a)”. Dado que o *software* foi programado para que o(a) Participante começasse errando e, após um tempo de aproximadamente 2 minutos, passasse a acertar, o(a) assistente “parceiro(a)” sabia quando reforçar o comportamento de clicar, por meio de gestos, proximidade física e dicas vocais, de modo que, coincidentemente, o(a) Participante acertasse a escolha da carta correta. O objetivo desse reforço foi aumentar a probabilidade da presença do(a) assistente “parceiro(a)” tornar-se reforçadora para o comportamento de trabalhar em

equipe e, assim, o(a) Participante zelasse pelo(a) assistente “parceiro(a)” como membro dessa equipe. Cabe ressaltar, no entanto, que, a despeito do desempenho apresentado pelo(a) Participante, sua pontuação final nessa fase era sempre de 41 pontos, contra 39 pontos, a pontuação final obtida pelo(a) assistente “rival”.

Após 10 a 12 minutos de duração da Fase 1, cada Participante e cada assistente “rival” foi solicitado(a) a preencher o Questionário – Fase 1 no qual deveriam descrever o que sentiram em relação ao jogo e em relação ao seu(sua) assistente “parceiro(a)”. Ao mesmo tempo, os(as) Observadores(as) preenchiam o Questionário de Observação - Fase 1.

#### *FASE 2 – Presença de Competição.*

Nessa fase, que durou 10 a 12 minutos, o *software* foi programado para consequenciar os *clics* iniciais do(a) Participante como respostas incorretas. Iniciou-se com cada Participante e cada assistente “rival” jogando cartas juntamente com seu(sua) assistente “parceiro(a)”. Após aproximadamente 2 minutos de jogo, o celular do experimentador tocou e ele retirou-se da sala experimental para supostamente atender ao telefonema. Poucos segundos depois, ele retornou desculpando-se por sua ausência e requisitou ao(à) assistente “parceiro(a)” do(a) “rival” que se retirasse da sala para lhe auxiliar na busca por um documento importante.

A partir desse momento ocorreu o ponto central do experimento. Na sala experimental permaneciam apenas o(a) assistente “rival” (realizando a tarefa sozinho) e o(a) Participante com seu(sua) respectivo(a) assistente “parceiro(a)

(realizando a tarefa juntos). O assistente “rival” chamava o(a) assistente “parceiro(a)” do(a) Participante para lhe auxiliar no jogo. O(A) assistente “parceiro(a)” do(a) Participante concordava entusiasmado(a) com o convite, retirando-se do lado do(a) Participante e sentando-se ao lado do(a) assistente “rival”, onde permanecia lá até o término dessa fase, quando regressava para lado do(a) Participante. Isto coincidiu com o momento em que o experimentador e o(a) assistente “parceiro(a)” do(a) assistente “rival” entraram na sala experimental desculpando-se de suas ausências e anunciando o término da fase II.

O experimentador, então, pedia para que os(as) Participantes e os(as) assistentes “rivais” preenchessem o Questionário – Fase 2. Assim que esses eram preenchidos, o experimentador, como forma de deixar apenas o(a) Participante e seu(sua) respectivo(a) assistente “parceiro(a)” a sós na sala de observação, dizia que iria fazer uma entrevista sobre a competição com cada uma das duplas (Participante e assistente “parceiro[a]”) separadamente, começando pela dupla formada pelo(a) assistente “rival” e pelo(a) seu(sua) assistente “parceiro(a)”. Ele convidava ao(à) “rival” e ao (à) seu(sua) parceiro(a) a lhe acompanharem para outra sala, de modo que a entrevista fosse reservada. Nesse momento, na sala experimental permaneciam apenas o(a) Participante e seu(sua) assistente “parceira” por 30 segundos. Isso teve como objetivo aumentar a probabilidade de demonstração e expressão de comportamentos ciumentos diante apenas do(a) assistente “parceiro(a)”, pois a presença de terceiros poderia ser estímulo pré-aversivo para a emissão desses comportamentos. Ao final dos 30 segundos o experimentador retornava à sala

experimental, divulgava os resultados do jogo e comunicava ao(à) Participante e aos(às) Observadores(as) o objetivo da pesquisa.

## **Resultados e Discussão**

Considerando que a condição para a ocorrência do comportamento emocional ciumento é a competição com um rival por reforçadores (Costa, 2009), a descrição e discussão dos resultados privilegiará a comparação entre as topografias operantes apresentadas, incluindo os operantes verbais (tatos do tipo nomes de sentimentos) descritos pelos(as) Participantes e inferidos pelos(as) Observadores(as) nas fases 1 (ausência de competição) e 2 (presença de competição) do procedimento.

Os resultados são apresentados na forma de quadros. Cada quadro apresenta separadamente o desempenho de uma dupla de participantes (Participantes 1 e 2 e Observador 1 e 2, de sexos opostos), de um total de 4 duplas, ao longo do procedimento. Ao todo são 4 quadros, sendo os dois primeiros referentes às duplas em que o Participante era namorado da sua parceira e as duas últimas referentes as duplas em que a Participante não era namorada do seu parceiro. Cada quadro mostra o desempenho de um (ou de uma) Participante e Observador(a) e é dividido em duas colunas, intituladas FASE 1 e FASE 2, contendo os seguintes campos: “Topografias vocais e motoras”, “Sentimentos descritos” e “Sentimentos inferidos”.

As informações contidas no campo “Topografias motoras” consistem na descrição de qualquer resposta (vocal e/ou motora) apresentada pelo Participante em direção ao(a) parceiro(a) e/ou ao(a) rival no decorrer de cada

fase. A escolha por restringir o registro apenas da classe de topografias envolvendo terceiros teve como objetivo focar a análise nos operantes de interesse ao objetivo deste artigo, ou seja, aqueles que eram direcionados a um dos membros do contexto social arranjado. O campo “Sentimentos descritos” apresenta os sentimentos que foram assinalados pelos(as) Participantes nos seus questionários, ao final de cada fase. Já o campo “Sentimentos inferidos” consiste na descrição dos sentimentos que cada Observador(a) inferiu sobre seu(sua) respectivo(a) Participante nas diferentes fases do procedimento.

Quadro 1 – Relações entre topografias vocais, motoras e sentimentos (descritos e inferidos) nas duas fases do procedimento – Dupla 1 – “O Participante e sua parceira namorada”

FASE 1	FASE 2
<b>Topografias vocais e motoras</b>	
(A parceira, posicionada ao lado do Participante, reinstrui o procedimento) O Participante olha em direção à parceira; faz “sinal de sim” com a cabeça.	(A parceira está sentada ao lado do Participante, levanta-se e caminha em direção ao rival e senta-se ao lado do rival) O Participante olha, e mantém o olhar, em direção à parceira; enquanto mantém o olhar direcionado à parceira, tira a mão do <i>mouse</i> e a encosta no queixo; (O rival pergunta à parceira do Participante “Você é de onde?”) O Participante pergunta ao rival “Você é de onde?”; (A parceira caminha em direção ao Participante) O Participante faz “sinal de não” com a cabeça.
<b>Sentimentos descritos</b>	
Apreensão; confiança.	Aborrecimento; ciúme; frustração; raiva.
<b>Sentimentos Inferidos</b>	
Alegria; ansiedade; confiança; interesse; prazer; satisfação; segurança; timidez.	Aborrecimento; ansiedade; apreensão; ciúme; confiança; desapontamento; impotência; raiva;



	segurança; tristeza.
--	----------------------

O Quadro 1 mostra as relações entre as topografias motoras (registradas pelos assistentes registradores) e os sentimentos descritos pelo Participante e inferidos pela Observadora da Dupla 1 – “O Participante e sua parceira namorada” nas duas fases do procedimento. Ao se observarem as topografias motoras e vocais do Participante, constata-se que o comportamento emocional ocorreu na Fase 2. A competição iniciada com a atenção da parceira ao rival evocou a verbalização “*Você é de onde?*” ao rival, (imediatamente após o rival ter perguntado à parceira “*Você é de onde?*”) e o *acenar negativamente com a cabeça* quando a parceira retornou para o seu lado. Interpreta-se que a função de questionar “*Você é de onde?*” ao rival teve como função terminar e/ou atenuar a situação de competição, enquanto o *acenar negativamente com a cabeça* para a parceira teve como função punir o comportamento de dar atenção ao rival. Esses dados conjugam-se com as proposições de Costa (2009), de que a manifestação ciumenta pode ser negativamente reforçada pela “remoção do rival ou atenuação da situação de competição” (p. 67). No caso, essas foram as funções das topografias das respostas registradas. A própria descrição, do Participante, dos sentimentos experienciados na segunda fase do procedimento confirma esta análise, pois o mesmo relatou *ciúme, aborrecimento, frustração e raiva*.

Os sentimentos relatados pela Observadora também dão suporte à interpretação sobre a ocorrência de respostas ciumentas, dado que a mesma inferiu que o Participante sentiu *aborrecimento, ansiedade, apreensão, ciúme,*

*desapontamento, impotência, raiva e tristeza* na Fase 2. Deve-se notar que, segundo revisão elaborada por Cunha, Chequer, Martinelli e Borloti (2005), todos esses sentimentos foram descritos na literatura analítico-comportamental como produtos de contingências coercitivas (Millenson, 1967; Skinner, 1974/2003; Holland & Skinner, 1961/1974; Banaco, 1999). Nota-se também a ocorrência dos sentimentos *confiança* e *segurança* assinalados pela Observadora, que podem ter sido assinalados no momento inicial da Fase 2. O que sustenta essa análise é o fato de esses sentimentos também serem assinalados pela Observadora na Fase 1. Na Análise do Comportamento, *confiança* e *segurança* são sentimentos produzidos por contingências de reforçamento positivo, possivelmente ocorrendo no início de cada fase.

Culturalmente, pode-se considerar a interação na sala experimental como uma prática cooperativa de uma cultura, sendo observada por membros dessa mesma cultura (a comunidade verbal) cujas práticas verbais evoluíram para manter a prática pela sua função que direciona a sua manutenção (Glenn, 1989). No caso, a instrução da regra da competição controlou o objetivo de manter a cooperação para alcançar o ganho como um produto agregado dos comportamentos cooperativos (Sampaio & Andery, 2010). A cooperação produz *confiança* e *segurança* de acordo com a origem dessas palavras. Pela sua etimologia, *confiança* tateia a condição pública do Participante “estar com alguém com um cargo de responsabilidade pelo zelo dele” e *segurança* tateia a propriedade *seguro* do Participante, como um produto da ação dele no análogo dessa cultura na condição experimental (Borloti et al., 2009, p. 90). Quando, na fase 2, o zelo não foi observado mais, ele foi novamente buscado, justificando o seu tato como *ciúme*; mas também com outros tatos. A evocação de outros tatos

(*raiva e tristeza*) que se relacionam com o tato *ciúme* pode ser explicada pela não efetividade do comportamento ciumento, ou seja, fuga e esquivas ineficientes (Costa, 2009). Quando Skinner (1957, p. 130-146) discutiu como “o comportamento verbal sob controle de estímulos privados” é evocado e mantido, ele listou aspectos desse controle que são importantes para a análise dos atos de sentimentos interrelacionados emitidos pelo Participante e pela Observadora: respostas colaterais (e. g., olhar em direção à parceira) e transferência do controle do público ao privado por meio de metáforas (e. g., “desapontado” para descrever a propriedade “sem direção” do comportamento do Parceiro).

Quadro 2 – Relações entre topografias vocais, motoras e sentimentos (descritos e inferidos) nas duas fases do procedimento – Dupla 2 – “O Participante e a sua parceira namorada”

FASE 1	FASE 2
<b>Topografias vocais e motoras</b>	
(A parceira, posicionada ao lado do Participante, reinstrui o procedimento) O Participante afirma “ <i>Entendi</i> ”.	(A parceira está sentada ao lado do Participante. A parceira levanta-se e caminha em direção ao rival) O Participante olha, e mantém o olhar, em direção à parceira que caminha em direção ao rival; (A parceira conversa com o rival sobre o jogo) O Participante olha em direção à parceira e o rival; (A parceira conversa com o rival sobre o jogo) O Participante olha em direção à parceira, alonga a musculatura do pescoço, estala os dedos, joga a cabeça para trás e sorri em direção à parceira; (A parceira volta a sentar-se ao lado do Participante) O Participante olha em direção ao rival, cruza os braços, inspira e arqueia os ombros erguendo o peito.
<b>Sentimentos descritos</b>	
Alegria; ansiedade; satisfação; segurança.	Alegria; ansiedade; segurança; timidez.

Sentimentos Inferidos	
Confiança; interesse; satisfação; segurança.	Aborrecimento; ansiedade; apreensão; ciúme; frustração; interesse; raiva; timidez; vergonha.

No Quadro 2 observam-se as relações entre as topografias vocais e motoras (registradas pelos assistentes registradores) e os sentimentos descritos pelo Participante e inferidos pela Observadora da Dupla 2 – “O Participante e a sua parceira namorada”. Constata-se que as topografias apresentadas pelo Participante da Dupla 2 na Fase 1 diferem de forma discrepante das topografias apresentadas na Fase 2. Enquanto na primeira fase o Participante restringiu-se apenas a dizer “*Entendi*” para a parceira, passando o resto da fase sem apresentar qualquer resposta direcionada a ela ou ao rival, na segunda fase ele *olhou em direção à parceira* quando ela se retirou de perto dele para auxiliar ao rival, *olhou em direção à parceira* enquanto ela conversava com o rival, *olhou em direção ao rival*, *alongou a musculatura do pescoço*, *estalou os dedos*, *jogou a cabeça para trás e sorriu olhando em direção à parceira*; *olhou para o rival*, *cruzou os braços*, *inspirou e arqueou os ombros erguendo o peito* enquanto a parceira retornou e sentou-se ao seu lado. Embora os sentimentos assinalados por ele na Fase 2 não contenham *ciúme*, interpreta-se que as topografias por ele apresentadas nessa fase são classificadas como ciumentas, já que *olhar em direção ao rival* e *erguer o peito* podem ser respostas que têm a função de intimidar o rival. Além disso, essas topografias foram suficientes para que a Observadora tateasse sentimentos de *aborrecimento*, *ansiedade*, *apreensão*, *ciúme*, *frustração*, *interesse*, *raiva*, *timidez* e *vergonha*.

Quadro 3 – Relações entre topografias vocais, motoras e sentimentos (descritos e inferidos) nas duas fases do procedimento – Dupla 3 – “A Participante e o seu parceiro não namorado”

FASE 1	FASE 2
<b>Topografias vocais e motoras</b>	
(O parceiro, sentado ao lado da Participante, reinstrui a Participante sobre o jogo) A Participante olha em direção ao parceiro; faz “sinal de sim” com a cabeça.	(O parceiro está sentado ao lado da Participante. O parceiro levanta-se e caminha em direção à rival) A Participante olha em direção ao parceiro.
<b>Sentimentos descritos</b>	
Ansiedade; interesse; satisfação.	Segurança.
<b>Sentimentos Inferidos</b>	
Confiança; segurança.	Alegria; confiança; ciúme; segurança; impotência.

O Quadro 3 apresenta as relações entre as topografias vocais e motoras (registradas pelos assistentes registradores) e os sentimentos descritos pela Participante e inferidos pelo Observador da Dupla 3 – “A Participante e o seu parceiro não namorado”. Nele observa-se pouca diferença, da Fase 1 para a Fase 2, entre as topografias apresentadas pela Participante, sendo que nenhuma delas pode ser interpretada como tendo função aparente de terminar e/ou amenizar a situação de competição. Todavia, ainda assim, tais topografias foram suficientes para que o Observador assinalasse *ciúme* no questionário. Além disso, o Observador também assinalou *alegria*, *confiança*, *impotência* e *segurança* nesta fase. Particularmente, a ocorrência dos sentimentos *alegria*, *confiança* e *segurança* pode ser referente a fase inicial da Fase 2, em que a Participante tem conhecimento da sua vitória parcial no jogo e a situação de competição ainda não estava presente.

Quadro 4 – Relações entre topografias vocais, motoras e sentimentos (descritos e inferidos) nas duas fases do procedimento – Dupla 4 – “A Participante e o seu parceiro não namorado”

FASE 1	FASE 2
<b>Topografias motoras</b>	
(O parceiro-assistente, sentado ao lado da Participante, reinstrui a Participante sobre o jogo) A Participante olha em direção ao parceiro-assistente; (A Participante ganha um ponto no jogo) A Participante sorri olhando em direção ao parceiro-assistente; (Sentada ao lado do parceiro-assistente, a Participante erra no jogo). A Participante afirma “ <i>Esses botões aqui... eu vou te contar</i> ”. (O experimentador divulga o resultado parcial do jogo) A Participante afirma “ <i>Aeee, vou ganhar esse bombom</i> ” olhando em direção ao parceiro.	(O parceiro está sentado ao lado da Participante. A rival pede auxílio ao parceiro) A Participante afirma “ <i>Não! Ele é meu instrutor, uai!</i> ”. (O parceiro-assistente caminha em direção à rival) A Participante sorri olhando em direção à rival e afirma “ <i>Tô brincando</i> ”.
<b>Sentimentos descritos</b>	
Alegria; confiança.	Confiança.
<b>Sentimentos Inferidos</b>	
Alegria; ansiedade; segurança.	Alegria; Alívio; ansiedade; Ciúme; frustração; interesse.

No Quadro 4 observam-se as relações entre as topografias vocais e motoras (registradas pelos registradores) e os sentimentos descritos pela Participante e inferidos pelo Observador da Dupla 4 – “A Participante e o seu parceiro não namorado” nas duas fases do procedimento. Nele constata-se que as topografias apresentadas pela Participante, na Fase 2 do procedimento, tais como dizer “*Não, ele é meu instrutor, uai*” (quando a rival convidou seu parceiro para lhe auxiliar) e, em seguida, “*Tô brincando*” podem ser classificadas como

respostas ciumentas, produzidas pela situação de competição com a rival por reforçadores. Apesar de a Participante relatar na Fase 2 apenas o sentimento de *confiança*, os sentimentos inferidos pelo Observador nessa fase foram *alegria*, *alívio*, *ansiedade*, *ciúme* e *interesse*.

Portanto, assim como nos Participantes anteriores, o sentimento de ciúme pode ter ocorrido devido ao período inicial da Fase 2, em que a situação de competição ainda não existia, da mesma forma como esse sentimento também é assinalado na Fase 1. Os dados também demonstram que a ocorrência do ciúme não necessariamente requer a ocorrência de laços amorosos entre o indivíduo enciumado e seu parceiro.

Em linhas gerais, os resultados nos permitem afirmar que o contexto experimental arranjado foi bem sucedido ao evocar o comportamento emocional ciumento. Além disso, eles se assemelham a resultados obtidos por outras pesquisas empíricas sobre ciúme, que constataram que a situação evocadora do mesmo também produz sentimentos de raiva (Thompson, 2004; DeSteno & Cols, 2006), ansiedade (Volling, McElwain, & Miller, 2002) e tristeza (Costa e Barros, 2008; Miller, Volling, & McElwain, 2000).

Os resultados referentes aos sentimentos descritos pelos Participantes e pelas Participantes e inferidos pelos Observadores e Observadoras foram divergentes principalmente no que tange à segunda fase do procedimento (aquela em que há a competição). Um dos motivos é que o relato de alguns sentimentos, principalmente aqueles produzidos por contingências coercitivas, é passível de punições advindas da comunidade verbal.

Outro ponto importante que os dados permitem constatar é que a comunidade verbal (Observadores), por meio da observação, infere os

sentimentos de seus membros (Participantes) através da observação das contingências a que eles estão inseridos e, mais que isso, podem consequenciar seus comportamentos baseados nessas inferências. À medida que isso ocorre, tal consequência retroage sobre o indivíduo, permitindo uma reaprendizagem sobre as contingências que de fato geraram aquilo que ele sentiu. Por exemplo, mesmo que um indivíduo não sinta ciúme ao ver sua namorada dançando com outro, se seus amigos interpretam que a situação é evocadora de ciúme, eles poderão incentivá-lo a cessar a dança e dar sugestões de que ele não mais permita situações como essa. Mais que isso, em novas ocasiões esse indivíduo pode não mais precisar do incentivo dos amigos para exibir comportamentos ciumentos. Nesse sentido, na medida em que o indivíduo interage com membros da cultura, ele está sujeito sempre a uma reformulação sobre as diferentes contingências responsáveis pelo o que ele sente, a depender da forma como outros membros dessa cultura irão consequenciar seus comportamentos nelas.

## **Conclusão**

Este artigo faz referência a uma investigação do comportamento emocional ciumento em condições controladas de laboratório. A discussão e análise dos dados permitiram concluir que, apesar da complexidade do fenômeno, a elaboração de cenários sociais arranjados pôde contribuir para a elucidação das variáveis contextuais responsáveis pelas manifestações ciumentas. Além disso, eles apóiam estudos de outros analistas do comportamento, que elegem a situação de competição por reforçadores com um



rival como condição antecedente necessária para a ocorrência do comportamento emocional ciumento (Banaco, 2005; Costa, 2009).

É preciso notar também que a multiplicidade das variáveis envolvidas na elaboração de condições experimentais para se pesquisar ciúme, bem como suas implicações éticas, surge como obstáculos para pesquisas sobre o tema. Esses talvez sejam motivos fundamentais para que o tema tenha sido (e ainda permaneça sendo) pesquisado nos moldes de pesquisas descritivas, em que há uma ausência do controle dos elementos sociais constituintes do fenômeno no ambiente natural. Portanto, reitera-se que avanços sobre o tema serão alcançados se as investigações sobre o mesmo concentrarem-se na identificação das variáveis contextuais necessárias para a ocorrência das manifestações ciumentas em condições experimentais controladas que simulem esse ambiente natural.

## Referências

- Ballone, G. J. (2010) Histórias de Ciúme Patológico: identificação e tratamento. São Paulo: Manole.
- Banaco, R. A. (1999) O acesso a eventos encobertos na prática clínica: um fim ou um meio? Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva. Campinas: Átomo ABPMC. Vol. 1, núm. 2. p. 135-142.
- Banaco, R. A. (2005). *Ciúme e inveja*. Palestra proferida no I Congresso Brasileiro de Psicologia Clínica e da Saúde. Londrina, PR.

- Bandeira, K. P. (2005). *Observação do comportamento ciumento em crianças de 2 a 3 anos* (Monografia de conclusão de curso de graduação). São Luís: Universidade Federal do Maranhão, Departamento de Psicologia.
- Buss, D. M. & Haselton, M. G. (2005). The evolution of jealousy: A response to Buller. *Trends in Cognitive Sciences*, 9(11). 506-507.
- Buss, D. M., Larsen, R. J., Westen, D., & Semmelroth, J. (1992). Sex differences in jealousy: Evolution, physiology, and psychology. *Psychological Science*, 3: 251-255.
- Caballo, V. E. (2003). *Manual de avaliação e treinamento das Habilidades Sociais*. São Paulo: Livraria Santos Editora.
- Clanton, G. (1998). Jealousy in American culture, 1945-1985. In G. Clanton & L. G. Smith (Orgs.), *Jealousy* (pp. 258-277). New York: University Press of America. (Trabalho original publicado em 1977/1989)
- Clanton, G. (2006) "Jealousy and Envy," in Jan E. Stets and Jonathan H. Turner, eds., *Handbook of the Sociology of Emotions*, Berlin: Springer, chapter 18, pp. 410-442.
- Costa, N. (2005). Contribuições da Psicologia Evolutiva e da Análise do Comportamento Acerca do Ciúme. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 1, 005-013
- Costa, N. (2009) *Busca de definição operacional de ciúme: uma construção teórica e empírica*. Tese de doutorado não publicada, Universidade Federal do Pará, Belém.
- Costa, N., & Barros, R. S. (2008). Test de definición y de una hipótesis sobre la diferencia de género bajo la óptica del análisis de la conducta. *Terapia Psicológica*, 26, 1, 15-25.

- DeSteno, D., Valdesolo, P., & Bartlett, M. Y. (2006). Jealousy and the threatened self: Getting to the heart of the green-eyed monster. *Journal of Personality and Social Psychology*, 91 (4), 626-641.
- Smith, R. H., Kim, S. H., & Parrot, W. G. (1988). Envy and jealousy: Semantic problems and experiential distinctions. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 14 (2), 401-409.
- Harmon-Jones, E., Peterson, C. K., & Harris, C. R. (2009). Jealousy: Novel methods and neural correlates. *Emotion*, 9 (1), 113-117.
- Hart, S., & Carrington, H. (2002). Jealousy in 6-month-old infants. *Infancy*, 3 (3), 395-402.
- Hart, S., Carrington, H. A., Tronick, E. Z., & Carrol, S. R. (2004). When infants lose exclusive maternal attention: Is it jealousy? *Infancy*, 6 (1), 57-78.
- Hart, S., Field, T., Del Valle, C., & Letourneau, M. (1998). Infants protest their mother's attending to an infant-size doll. *Social Development*, 7 (1), 54-61.
- Hatfield, E., & Sprecher, S. (1986). *Mirror, mirror: The importance of looks in everyday life*. Albany, NY: SUNY Press.
- Holland, J. G. & Skinner, B. F. (1961) *A Análise do Comportamento*. Trad. AZZI, Rodolpho. São Paulo: E. P. U., 1974. 337p.
- Lishner, D.A., Nguyen, S., Stocks, E.L., and Zillmer, E.J. (2008). Are sexual and emotional infidelity equally upsetting to men and women? Making sense of forced-choice responses. *Evolutionary Psychology*, 6(4): 667-675.

- Menezes, A., & Castro, F. (2001, setembro). *O ciúme romântico: Uma abordagem analítico-comportamental*. Trabalho apresentado no X Encontro Brasileiro de Medicina e Terapia Comportamental, Campinas, São Paulo.
- Millenson, J. R. (1975). Comportamento emocional. (A. A. Souza e D. Rezende, Trans.). In *Princípios de análise do comportamento* (pp. 405-436). Brasília, DF: Coordenada (Trabalho original publicado em 1967).
- Miller, A. L., Volling, B. L., & McElwain, N. L. (2000). The sibling jealousy in triadic context with mothers and fathers. *Social Development*, 9 (4), 433-457.
- Sampaio, A.A.S; Azevedo, F.H.B.; Cardoso, L.R.D.; Lima, C.; Pereira, M.B.R.; Andery, M.A.P.A. (2008) Uma Introdução aos Delineamentos Experimentais de Sujeito Único. *Interação em Psicologia*, PUC – SP, 12(1), p. 151-164.
- Sampaio, A. A. S. & Andery, M. A. P. A. (2010). Comportamento social, produção agregada e prática cultural: uma Análise Comportamental de fenômenos sociais. *Psic.: Teor. e Pesq.* vol.26, n.1, pp. 183-192.
- Sidman, M. (1994). Reading and auditory- visual equivalences. Em: M. Sidman. *Equivalence relations and behavior – a research history*. Boston: Authors Cooperative. (Publicação original de 1971).
- Skinner, B. F. (1974) *Sobre o Behaviorismo*. Trad.: VILLALOBOS, Maria da Penha. 8ª ed. São Paulo: Cultrix, 2003. 216p.
- Skinner, B. F. (1976). *Walden two*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall (Trabalho original publicado em 1948).

- Skinner, B. F. (1978). *Ciência e comportamento humano*. São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1953).
- Skinner, B. F. (1984). Contingências do reforço: uma análise teórica. (R. Moreno, Trad.). *Coleção "Os pensadores"*. São Paulo, Abril Cultural. (Trabalho original publicado em 1969).
- Smith, R. H., Kim, S. H., & Parrot, W. G. (1988). Envy and jealousy: Semantic problems and their implicit theories about relationship. *Social Development*, 17 (3), 488-511.
- Thompson, J. A. (2004). Implicit beliefs about relationships impact the sibling jealousy experience. Dissertação de Mestrado não publicada. North Carolina State University, U.S.
- Thompson, J. A., & Halberstadt, A. G. (2008). Children's accounts of sibling jealousy and U.S.
- Volling, B. L., McElwain, N. L. & Miller, A. L. (2002). Emotion regulation in context: The jealousy complex between young siblings and its relations with child and family characteristics. *Social Development*, 73 (2), 581-600.

## Considerações Finais

A complexidade do fenômeno ciúme foi ilustrada ao longo dessa dissertação. Os estudos que a compõem apresentaram a operacionalização do comportamento emocional ciumento enfatizando os elementos necessários para sua ocorrência. Além disso, eles também demonstraram que o comportamento emocional ciumento envolve um conjunto amplo de variáveis, muitas delas provindas de cenários culturais bem específicos.

A análise de estudos empíricos e teóricos sobre o ciúme permitiu uma contextualização geral sobre como esse fenômeno tem sido pesquisado na Psicologia atualmente. Com isso, observou-se que o ciúme vem sendo abordado como um fenômeno característico de interações sociais, nas quais a competição por reforçadores é o componente fundamental.

O estudo I dessa dissertação objetivou analisar o comportamento emocional ciumento sob o referencial teórico da abordagem analítico-comportamental, focalizando suas variáveis sócio-verbais e intercalando essa análise com alguns dos conceitos provindos da Sociologia. Nele buscou-se situar o tema do ciúme na Análise do Comportamento, concentrando-se principalmente nas sistematizações propostas por Costa (2009). Além disso, realizou-se uma interlocução entre os conceitos da análise do comportamento, representada por Tourinho (2009), com as contribuições sociológicas de Clanton (2006), de modo a apontar as questões culturais que envolvem o fenômeno do ciúme. Tal interlocução objetivou despertar o interesse para se investigar o papel das práticas sócio-verbais relacionadas às manifestações ciumentas, apontando

para a importância de se pesquisar o ciúme sob perspectivas mais amplas de análise.

O estudo II teve como objetivo investigar experimentalmente o ciúme por meio de um arranjo social arquitetado em laboratório. Nele foram abordadas as contribuições de autores de diferentes áreas da Psicologia que pesquisaram o ciúme nos moldes de uma pesquisa experimental, enfatizando os resultados dessas pesquisas, bem como sua importância. Com os dados obtidos, demonstrou-se que o controle experimental arranjado foi eficiente ao evocar o comportamento emocional ciumento e que, assim como nas demais pesquisas, a competição por reforçadores com um rival é condição antecedente necessária para a ocorrência do comportamento emocional ciumento.

Sendo assim, os estudos aqui apresentados oportunizam a elaboração de novos temas de pesquisa, que buscam avançar na compreensão das questões envolvidas no comportamento emocional ciumento. Entre eles estão:

- 1) Investigar as relações entre o controle por regras e a emissão de comportamentos ciumentos;
- 2) Investigar os diferentes tipos de situações sociais que envolvem competição e distinguir aquelas que produzem ou não ciúme;
- 3) Investigar experimentalmente as relações entre a ocorrência de respostas ciumentas em humanos verbais e não verbais, analisando, assim, as manifestações de ciúme na presença e ausência de linguagem;

Estes e outros temas mostram que muito ainda precisa ser feito para chegarmos a uma compreensão satisfatória acerca das questões relacionadas

ao ciúme. No entanto, reconhece-se que os primeiros passos nessa direção já estão sendo dados.

## Referências

- Anderson, C. M., Hawkins, R. P., Freeman, K. A. & Scotti, J. R. (2000). Private events: Do they belong in a science of human behavior? *The Behavior Analyst*, 23, 1-10.
- Andery, M. A. P. A., Micheletto, N. & Sérgio, T. M. A. P. (2007). Modo causal de seleção por conseqüências e a explicação do comportamento. Em: M. A. P. A. Andery, T. M. A. P. Sérgio & N. Micheletto (orgs.), *Comportamento e causalidade* (pp. 31-48).
- Ballone, G. J. (2010) *Histórias de Ciúme Patológico: identificação e tratamento*. São Paulo: Manole.
- Banaco, R. A. (1999) O acesso a eventos encobertos na prática clínica: um fim ou um meio? *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*. Campinas: Átomo ABPMC. Vol. 1, núm. 2. p. 135-142.
- Banaco, R. A. (2005). *Ciúme e inveja*. Palestra proferida no I Congresso Brasileiro de Psicologia Clínica e da Saúde. Londrina, PR.
- Banaco, R. A., & Zamignani, D. R. (2004). An analytical-behavioral panorama on the anxiety disorders. In T. C. C. Grassi (Org.), *Contemporary challenges in the behavioral approach: A Brazilian overview* (pp. 9-26). Santo André: ESETec.



- Bandeira, K. P. (2005). *Observação do comportamento ciumento em crianças de 2 a 3 anos* (Monografia de conclusão de curso de graduação). São Luís: Universidade Federal do Maranhão, Departamento de Psicologia.
- Borba, A. ; Tourinho, E. Z. . Usos do conceito de eventos privados a luz de proposições pragmatistas. *Estudos de Psicologia (UFRN)*, v. 14, p. 89-96, 2009.
- Borloti, E. (2004). As relações verbais elementares e o processo autoclítico. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 6 (2), 221-236.
- Buss, D. M. & Haselton, M. G. (2005). The evolution of jealousy: A response to Buller. *Trends in Cognitive Sciences*, 9(11). 506-507.
- Buss, D. M., Larsen, R. J., Westen, D., & Semmelroth, J. (1992). Sex differences in jealousy: Evolution, physiology, and psychology. *Psychological Science*, 3: 251-255.
- Caballo, V. E. (2003). *Manual de avaliação e treinamento das Habilidades Sociais*. São Paulo: Livraria Santos Editora.
- Clanton, G. (1998). Jealousy in American culture, 1945-1985. In G. Clanton & L. G. Smith (Orgs.), *Jealousy* (pp. 258-277). New York: University Press of America. (Trabalho original publicado em 1977/1989)
- Clanton, G. (2006) "Jealousy and Envy," in Jan E. Stets and Jonathan H. Turner, eds., *Handbook of the Sociology of Emotions*, Berlin: Springer, chapter 18, pp. 410-442.
- Clanton, G., & Smith, L. G. (Orgs.). (1998). *Jealousy*. New York: University Press of America. (Trabalho original publicado em 1977).

- Costa, N. (2005). Contribuições da Psicologia Evolutiva e da Análise do Comportamento Acerca do Ciúme. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 1, 005-013
- Costa, N. (2009) *Busca de definição operacional de ciúme: uma construção teórica e empírica*. Tese de doutorado não publicada, Universidade Federal do Pará, Belém.
- Costa, N., & Barros, R. S. (2008). Test de definición y de una hipótesis sobre la diferencia de género bajo la óptica del análisis de la conducta. *Terapia Psicológica*, 26, 1, 15-25.
- Cunha, L. S. & Borloti, E. (2005). Skinner, o sentimento e o sentido. Em E. Borloti, S. R. F. Enumo, e M. L. P. Ribeiro (Orgs.), *Análise do Comportamento: Teoria e Prática* (pp. 47-57). Santo André: ESETec.
- Cunha, Luciano de Sousa. (2007). Análise de eventos privados do tipo sentir sob controle de contingências programadas em um software. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo.
- Damásio, A. (2000). *O mistério da consciência* (L. T. Motta, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Darwchi, R. (2007). *Fenômenos emocionais no contexto explicativo do modo causal de seleção por conseqüências*. Tese de doutorado não publicada, Universidade Federal do Pará, Belém.
- Darwich, R. A., & Tourinho, E. Z. (2005). Respostas emocionais à luz do modo causal de seleção por conseqüências. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 7(1), 107-118.

- DeSteno, D. A., & Salovey, P. (1996). Evolutionary origins of sex differences in jealousy? Questioning the "fitness" of the model. *Psychological Science*, 7 (6), 367-372.
- DeSteno, D., Valdesolo, P., & Bartlett, M. Y. (2006). Jealousy and the threatened self: Getting to the heart of the green-eyed monster. *Journal of Personality and Social Psychology*, 91 (4), 626-641.
- Dougher, M. J., Augustson, E., Markham, M. R., Greenway, D. E., & Wulfert, E. (1994). The transfer of respondent eliciting and extinction functions through stimulus equivalence classes. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 62, 331-351.
- Ferreira, A. B. H. (1999). Novo Aurélio: O dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira.
- Gongora, M. A. N. & Abib, J. A. D. (2001). Questões referentes à causalidade e eventos encobertos no behaviorismo radical. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 3(1), 4-29.
- Guilhardi, Hélio José. (2002) A Análise Comportamental do Sentimento de Culpa. In: TEIXEIRA, Adélia Maria Santos et al. (Org.). Ciência do Comportamento: Conhecer e Avançar. Santo André: ESETec. p. 171-200.
- Harmon-Jones, E., Peterson, C. K., & Harris, C. R. (2009). Jealousy: Novel methods and neural correlates. *Emotion*, 9 (1), 113-117.
- Harris, C. R. (2003). Factors Associated with Jealousy Over Real and Imagined Infidelity: An Examination of the Social-Cognitive and Evolutionary Psychology Perspectives. *Psychology of Women Quarterly*, 27, 319-329

- Hart, S., & Carrington, H. (2002). Jealousy in 6-month-old infants. *Infancy*, 3 (3), 395-402.
- Hart, S., Carrington, H. A., Tronick, E. Z., & Carrol, S. R. (2004). When infants lose exclusive maternal attention: Is it jealousy? *Infancy*, 6 (1), 57-78.
- Hart, S., Field, T., Del Valle, C., & Letourneau, M. (1998). Infants protest their mother's attending to an infant-size doll. *Social Development*, 7 (1), 54-61.
- Hatfield, E., & Sprecher, S. (1986). *Mirror, mirror: The importance of looks in everyday life*. Albany, NY: SUNY Press.
- Holland, J. G. & Skinner, B. F. (1961) *A Análise do Comportamento*. Trad. AZZI, Rodolpho. São Paulo: E. P. U., 1974.
- Kandel, E. R., Kupferman, I. & Iversen, S. (2000) Emotional states and feeling. in *Principles of Neural Science*, eds. Kandel, E. R., Schwartz, J. H. & Jessell, T. M. (McGraw-Hill, New York).
- Layng, T. V. J. (2006). Emoções e comportamento emocional: Uma abordagem construcional para compreender alguns benefícios sociais da agressão. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 2 (2), 155-170.
- Lishner, D.A., Nguyen, S., Stocks, E.L., and Zillmer, E.J. (2008). Are sexual and emotional infidelity equally upsetting to men and women? Making sense of forced-choice responses. *Evolutionary Psychology*, 6(4): 667-675.
- Lopez, FJC (2003). Jealousy: A case of application of Functional Analytic Psychotherapy. *Psychology in Spain*, 7, 86–98.

- Matos, M.A. (2001). O Behaviorismo Metodológico e suas relações com o mentalismo e o Behaviorismo Radical. In: BANACO, R.A. (org.). Sobre comportamento e cognição, v. 1. Santo André: ESETec
- Menezes, A., & Castro, F. (2001, setembro). *O ciúme romântico: Uma abordagem analítico-comportamental*. Trabalho apresentado no X Encontro Brasileiro de Medicina e Terapia Comportamental, Campinas, São Paulo.
- Millenson, J. R. (1975). Comportamento emocional. (A. A. Souza e D. Rezende, Trans.). In *Princípios de análise do comportamento* (pp. 405-436). Brasília, DF: Coordenada (Trabalho original publicado em 1967).
- Miller, A. L., Volling, B. L., & McElwain, N. L. (2000). The sibling jealousy in triadic context with mothers and fathers. *Social Development*, 9 (4), 433-457.
- Moore, J. (1984). *On privacy, causes and contingencies*. *The Behavior Analyst*, 7, 3-16.
- Oliveira, F. R. (2007). *Medéia - Eurípides*. São Paulo: Odysseus.
- Paracampo, C. C. P., & Albuquerque, L. C. (2005). Comportamento controlado por regras: Revisão crítica de proposições conceituais e resultados experimentais. *Interação em Psicologia*, 9, 227-237.
- Pines, A. & Aronson, E. (1983) Antecedents, correlates and consequences of sexual jealousy. *Journal of Personality*, 51, 108-136.
- Salovey, P., & Rothman, A. (1991). Envy and jealousy: Self and society. In P. Salovey (Ed.), *The psychology of jealousy and envy* (pp. 271-286). London: The Guilford Press.

Sampaio, A. A. S. & Andery, M. A. P. A. (2010). Comportamento social, produção agregada e prática cultural: uma Análise Comportamental de fenômenos sociais. *Psic.: Teor. e Pesq.* vol.26, n.1, pp. 183-192.

Sampaio, A.A.S; Azevedo, F.H.B.; Cardoso, L.R.D.; Lima, C.; Pereira, M.B.R.; Andery, M.A.P.A. (2008) Uma Introdução aos Delineamentos Experimentais de Sujeito Único. *Interação em Psicologia*, PUC – SP, 12(1), p. 151-164.

Shakespeare, W. *Otelo, o Mouro de Veneza*. São Paulo: LP&M

Sidman, M. (1994). Reading and auditory- visual equivalences. Em: M. Sidman. *Equivalence relations and behavior – a research history*. Boston: Authors Cooperative. (Publicação original de 1971).

Sidman, M. (2000). Equivalence Relations and the Reinforcement Contingency. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 74, 127-146.

Skinner, B. F. (1945). The operational analysis of psychological terms. *Psychological Review*, 52, 270-277/291-294.

Skinner, B. F. (1974) *Sobre o Behaviorismo*. Trad.: VILLALOBOS, Maria da Penha. 8ª ed. São Paulo: Cultrix, 2003. 216p.

Skinner, B. F. (1976). *Walden two*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall (Trabalho original publicado em 1948).

Skinner, B. F. (1978). *O Comportamento Verbal*. (M. P. Villalobos, Trad.). São Paulo: Cultrix. (Trabalho original publicado em 1957).

Skinner, B. F. (1978). *Ciência e comportamento humano*. São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1953).

- Skinner, B. F. (1984). Contingências do reforço: uma análise teórica. (R. Moreno, Trad.). *Coleção "Os pensadores"*. São Paulo, Abril Cultural. (Trabalho original publicado em 1969).
- Skinner, B. F. (1984). Selection by consequences. *The Behavioral and Brain Sciences*, 7, 477-481. (Original publicado em 1981) Skinner, B. F. (1985). Cognitive science and behaviourism. *British Journal of Psychology*, 76, 291–301.
- Skinner, B. F. (2003) *Questões Recentes na Análise Comportamental*. (A. L. Néri, Trad.). 4ª ed. Campinas: Papyrus Editora. (Trabalho Original Publicado em 1989).
- Smith, R. H., Kim, S. H., & Parrot, W. G. (1988). Envy and jealousy: Semantic problems and experiential distinctions. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 14 (2), 401-409.
- Tarrier, N., Beckett, R., Harwood, S., et al (1990) Morbid jealousy: a review and cognitive-behavioural formulation. *British Journal of Psychiatry*, 157,319-326.
- Thompson, J. A. (2004). Implicit beliefs about relationships impact the sibling jealousy experience. Dissertação de Mestrado não publicada. North Carolina State University, U.S.
- Thompson, J. A., & Halberstadt, A. G. (2008). Children's accounts of sibling jealousy and U.S.
- Tourinho, E. Z. (1997). Evento privado: funções e limites do conceito. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 13 (2), 203-209.

- Tourinho, E. Z. (2006). *Private stimuli, covert responses, and private events: Conceptual remarks*. *The Behavior Analyst*, 29(1), 13-31
- Tourinho, E. Z. (2007). Conceitos científicos e “eventos privados” como resposta verbal. *Interação em Psicologia*, 11(1), 1-9.
- Tourinho, E. Z. (2009). *Subjetividade e relações comportamentais*. São Paulo: Paradigma.
- Volling, B. L., McElwain, N. L. & Miller, A. L. (2002). Emotion regulation in context: The jealousy complex between young siblings and its relations with child and family characteristics. *Social Development*, 73 (2), 581-600.
- White, G. L. (1991). Self, relationship, friends, and family: Some applications of systems theory to romantic jealousy. In P. Salovey (Ed.), *The psychology of jealousy and envy* (pp. 231-251). London: The Guilford Press



## **ANEXOS**

## **ANEXO 1**

### **Termo de consentimento livre e esclarecido para participação**

**Projeto:** Contingências Emocionais envolvendo Competição com o Rival

**Responsável:** Filipe Moreira Vasconcelos

**Orientador:** Prof. Dr. Elizeu Borloti

**Instituição:** Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP) – UFES

**Contatos:** (27) 3335-2501 – PPGP, UFES.

(27) 3335-7211 – Comitê de ética em pesquisa, UFES

(27) 9746-7932 – Filipe Moreira Vasconcelos, pesquisador

#### **Justificativa e objetivo da pesquisa:**

Considerando que atualmente existe um número escasso de pesquisas envolvendo Eventos Privados na literatura Analítico-comportamental, o presente projeto visa ampliar esse número de pesquisa principalmente ao que tange relações emocionais envolvendo situações de competição.

#### **Descrição dos procedimentos a que o participante será submetido:**

O participante desempenhará duas fases de competição com um adversário em um jogo de cartas. Ao final de cada fase, ele será solicitado a descrever o que sentiu no decorrer das mesmas. Durante todo o procedimento o participante será acompanhado dos monitores para eventuais dúvidas.

#### **Benefícios esperados:**

Os resultados da pesquisa serão divulgados em congressos e artigos em periódicos especializados, contribuindo para a ampliação do corpo de conhecimentos que se têm produzido sobre a noção de eventos privados na Análise do Comportamento. De maneira similar, espera-se que a análise proposta por essa pesquisa possa auxiliar no aprimoramento prático dos profissionais envolvidos neste contexto.

#### **Análise de riscos:**

As chances de que ocorra algum problema psicológico decorrente do procedimento de pesquisa são remotas. No entanto, ocorrendo qualquer dano ao participante, o mesmo receberá acompanhamento psicológico. É importante

ressaltar que a qualquer momento, caso o participante deseje desistir, poderá o fazer livremente e sem qualquer ônus.

Pelo presente Consentimento Informado, declaro que fui informado, de forma clara e detalhada, dos objetivos e da justificativa do presente trabalho.

Fui igualmente informado:

- da garantia de receber resposta a qualquer dúvida acerca dos procedimentos e outros assuntos relacionados com a pesquisa;
- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isso traga qualquer tipo de ônus pessoal;
- da segurança de que não serei identificado e que se manterá o caráter confidencial das informações registradas relacionadas com a minha privacidade;

Data: \_\_/\_\_/\_\_.

Nome e assinatura do Voluntário: \_\_\_\_\_

Assinatura do Pesquisador Responsável: \_\_\_\_\_

Observação: O presente documento, baseado nos artigos 10 e 16 das Normas de Pesquisa em Saúde, do Conselho Nacional de Saúde, será assinado em duas vias, de igual teor, ficando uma em poder do Voluntário e outra com o pesquisador responsável.

## ANEXO 2

### QUESTIONÁRIO – FASE 1

Participante \_\_\_\_ ( ) Homem ( ) Mulher

Você está na metade da tarefa. Tente descrever o que você SENTIU durante a execução do procedimento.

---

---

---

Assinale na lista abaixo, quais dos sentimentos correspondem mais precisamente ao que você sentiu durante esta primeira metade da tarefa? Circule aquele que você considera mais representativo.

- |   |                                       |   |
|---|---------------------------------------|---|
| <input type="checkbox"/> Aborrecimento    | <input type="checkbox"/> Alegria      | <input type="checkbox"/> Alívio         |
| <input type="checkbox"/> Ansiedade        | <input type="checkbox"/> Apreensão    | <input type="checkbox"/> Ciúme          |
| <input type="checkbox"/> Confiança        | <input type="checkbox"/> Culpa        | <input type="checkbox"/> Desapontamento |
| <input type="checkbox"/> Desencorajamento | <input type="checkbox"/> Excitação    | <input type="checkbox"/> Frustração     |
| <input type="checkbox"/> Impotência       | <input type="checkbox"/> Interesse    | <input type="checkbox"/> Medo           |
| <input type="checkbox"/> Prazer           | <input type="checkbox"/> Raiva        | <input type="checkbox"/> Satisfação     |
| <input type="checkbox"/> Segurança        | <input type="checkbox"/> Timidez      | <input type="checkbox"/> Tristeza       |
| <input type="checkbox"/> Vergonha         | <input type="checkbox"/> Outro: _____ |   |

Tente descrever agora o que você SENTIU em relação à ajuda dos monitores para a execução da tarefa.

---

---

---

Assinale na lista abaixo, quais dos sentimentos correspondem mais precisamente ao que você sentiu em relação à ajuda dos monitores? Circule aquele que você considera mais representativo.

- |   |                                       |   |
|---|---------------------------------------|---|
| <input type="checkbox"/> Aborrecimento    | <input type="checkbox"/> Alegria      | <input type="checkbox"/> Alívio         |
| <input type="checkbox"/> Ansiedade        | <input type="checkbox"/> Apreensão    | <input type="checkbox"/> Ciúme          |
| <input type="checkbox"/> Confiança        | <input type="checkbox"/> Culpa        | <input type="checkbox"/> Desapontamento |
| <input type="checkbox"/> Desencorajamento | <input type="checkbox"/> Excitação    | <input type="checkbox"/> Frustração     |
| <input type="checkbox"/> Impotência       | <input type="checkbox"/> Interesse    | <input type="checkbox"/> Medo           |
| <input type="checkbox"/> Prazer           | <input type="checkbox"/> Raiva        | <input type="checkbox"/> Satisfação     |
| <input type="checkbox"/> Segurança        | <input type="checkbox"/> Timidez      | <input type="checkbox"/> Tristeza       |
| <input type="checkbox"/> Vergonha         | <input type="checkbox"/> Outro: _____ |   |

## ANEXO 3

### QUESTIONÁRIO – Fase 2

Participante \_\_\_\_ ( ) Homem ( ) Mulher

Você terminou a tarefa. Tente descrever o que você SENTIU em relação à execução do procedimento.

---

---

---

Assinale na lista abaixo, quais dos sentimentos correspondem mais precisamente ao que você sentiu durante esta segunda metade da tarefa? Circule aquele que você considera mais representativo.

- |   |                                       |   |
|---|---------------------------------------|---|
| <input type="checkbox"/> Aborrecimento    | <input type="checkbox"/> Alegria      | <input type="checkbox"/> Alívio         |
| <input type="checkbox"/> Ansiedade        | <input type="checkbox"/> Apreensão    | <input type="checkbox"/> Ciúme          |
| <input type="checkbox"/> Confiança        | <input type="checkbox"/> Culpa        | <input type="checkbox"/> Desapontamento |
| <input type="checkbox"/> Desencorajamento | <input type="checkbox"/> Excitação    | <input type="checkbox"/> Frustração     |
| <input type="checkbox"/> Impotência       | <input type="checkbox"/> Interesse    | <input type="checkbox"/> Medo           |
| <input type="checkbox"/> Prazer           | <input type="checkbox"/> Raiva        | <input type="checkbox"/> Satisfação     |
| <input type="checkbox"/> Segurança        | <input type="checkbox"/> Timidez      | <input type="checkbox"/> Tristeza       |
| <input type="checkbox"/> Vergonha         | <input type="checkbox"/> Outro: _____ |   |

Tente descrever agora o que você SENTIU em relação à ajuda dos monitores para a execução da tarefa.

---

---

---

Assinale na lista abaixo, quais dos sentimentos correspondem mais precisamente ao que você sentiu em relação à ajuda dos monitores nessa segunda metade da tarefa? Circule aquele que você considera mais representativo.

- |   |                                       |   |
|---|---------------------------------------|---|
| <input type="checkbox"/> Aborrecimento    | <input type="checkbox"/> Alegria      | <input type="checkbox"/> Alívio         |
| <input type="checkbox"/> Ansiedade        | <input type="checkbox"/> Apreensão    | <input type="checkbox"/> Ciúme          |
| <input type="checkbox"/> Confiança        | <input type="checkbox"/> Culpa        | <input type="checkbox"/> Desapontamento |
| <input type="checkbox"/> Desencorajamento | <input type="checkbox"/> Excitação    | <input type="checkbox"/> Frustração     |
| <input type="checkbox"/> Impotência       | <input type="checkbox"/> Interesse    | <input type="checkbox"/> Medo           |
| <input type="checkbox"/> Prazer           | <input type="checkbox"/> Raiva        | <input type="checkbox"/> Satisfação     |
| <input type="checkbox"/> Segurança        | <input type="checkbox"/> Timidez      | <input type="checkbox"/> Tristeza       |
| <input type="checkbox"/> Vergonha         | <input type="checkbox"/> Outro: _____ |   |

## ANEXO 4

### QUESTIONÁRIO DE OBSERVAÇÃO – FASE 1

Participante \_\_\_ ( ) Homem ( ) Mulher

Assinale na lista abaixo, quais dos sentimentos correspondem mais precisamente ao que o participante pode ter sentido durante esta primeira metade da tarefa? Circule aquele que você considera mais representativo.

- |   |                                    |   |
|---|------------------------------------|---|
| <input type="checkbox"/> Aborrecimento    | <input type="checkbox"/> Alegria   | <input type="checkbox"/> Alívio         |
| <input type="checkbox"/> Ansiedade        | <input type="checkbox"/> Apreensão | <input type="checkbox"/> Ciúme          |
| <input type="checkbox"/> Confiança        | <input type="checkbox"/> Culpa     | <input type="checkbox"/> Desapontamento |
| <input type="checkbox"/> Desencorajamento | <input type="checkbox"/> Excitação | <input type="checkbox"/> Frustração     |
| <input type="checkbox"/> Impotência       | <input type="checkbox"/> Interesse | <input type="checkbox"/> Medo           |
| <input type="checkbox"/> Prazer           | <input type="checkbox"/> Raiva     | <input type="checkbox"/> Satisfação     |
| <input type="checkbox"/> Segurança        | <input type="checkbox"/> Timidez   | <input type="checkbox"/> Tristeza       |
| <input type="checkbox"/> Vergonha         | <input type="checkbox"/>           |   |

Outro: \_\_\_\_\_

Assinale na lista abaixo, quais dos sentimentos correspondem mais precisamente ao que o participante pode ter sentido em relação à ajuda do Monitor(a)? Circule aquele que você considera mais representativo.

- |   |                                    |   |
|---|------------------------------------|---|
| <input type="checkbox"/> Aborrecimento    | <input type="checkbox"/> Alegria   | <input type="checkbox"/> Alívio         |
| <input type="checkbox"/> Ansiedade        | <input type="checkbox"/> Apreensão | <input type="checkbox"/> Ciúme          |
| <input type="checkbox"/> Confiança        | <input type="checkbox"/> Culpa     | <input type="checkbox"/> Desapontamento |
| <input type="checkbox"/> Desencorajamento | <input type="checkbox"/> Excitação | <input type="checkbox"/> Frustração     |
| <input type="checkbox"/> Impotência       | <input type="checkbox"/> Interesse | <input type="checkbox"/> Medo           |
| <input type="checkbox"/> Prazer           | <input type="checkbox"/> Raiva     | <input type="checkbox"/> Satisfação     |
| <input type="checkbox"/> Segurança        | <input type="checkbox"/> Timidez   | <input type="checkbox"/> Tristeza       |
| <input type="checkbox"/> Vergonha         | <input type="checkbox"/>           |   |

Outro: \_\_\_\_\_

## ANEXO 5

### QUESTIONÁRIO DE OBSERVAÇÃO – FASE 2

Participante \_\_\_\_ ( ) Homem ( ) Mulher

Assinale na lista abaixo, quais dos sentimentos correspondem mais precisamente ao que o participante pode ter sentido durante esta primeira metade da tarefa? Circule aquele que você considera mais representativo.

- |   |                                    |   |
|---|------------------------------------|---|
| <input type="checkbox"/> Aborrecimento    | <input type="checkbox"/> Alegria   | <input type="checkbox"/> Alívio         |
| <input type="checkbox"/> Ansiedade        | <input type="checkbox"/> Apreensão | <input type="checkbox"/> Ciúme          |
| <input type="checkbox"/> Confiança        | <input type="checkbox"/> Culpa     | <input type="checkbox"/> Desapontamento |
| <input type="checkbox"/> Desencorajamento | <input type="checkbox"/> Excitação | <input type="checkbox"/> Frustração     |
| <input type="checkbox"/> Impotência       | <input type="checkbox"/> Interesse | <input type="checkbox"/> Medo           |
| <input type="checkbox"/> Prazer           | <input type="checkbox"/> Raiva     | <input type="checkbox"/> Satisfação     |
| <input type="checkbox"/> Segurança        | <input type="checkbox"/> Timidez   | <input type="checkbox"/> Tristeza       |
| <input type="checkbox"/> Vergonha         | <input type="checkbox"/>           |   |

Outro: \_\_\_\_\_

Assinale na lista abaixo, quais dos sentimentos correspondem mais precisamente ao que o participante pode ter sentido em relação à ajuda do Monitor(a)? Circule aquele que você considera mais representativo.

- |   |                                    |   |
|---|------------------------------------|---|
| <input type="checkbox"/> Aborrecimento    | <input type="checkbox"/> Alegria   | <input type="checkbox"/> Alívio         |
| <input type="checkbox"/> Ansiedade        | <input type="checkbox"/> Apreensão | <input type="checkbox"/> Ciúme          |
| <input type="checkbox"/> Confiança        | <input type="checkbox"/> Culpa     | <input type="checkbox"/> Desapontamento |
| <input type="checkbox"/> Desencorajamento | <input type="checkbox"/> Excitação | <input type="checkbox"/> Frustração     |
| <input type="checkbox"/> Impotência       | <input type="checkbox"/> Interesse | <input type="checkbox"/> Medo           |
| <input type="checkbox"/> Prazer           | <input type="checkbox"/> Raiva     | <input type="checkbox"/> Satisfação     |
| <input type="checkbox"/> Segurança        | <input type="checkbox"/> Timidez   | <input type="checkbox"/> Tristeza       |
| <input type="checkbox"/> Vergonha         | <input type="checkbox"/>           |   |

Outro: \_\_\_\_\_

## ANEXO 6

### DESCRIÇÃO DO SOFTWARE PSYCOTACTO 3.0

O programa é executado em sistema operacional Windows Vista e apresenta janelas para o cadastramento, nas quais se podem registrar dados do participante (identificação, idade, sexo, naturalidade). Durante a realização do jogo, o computador apresentara em sua tela quatro estímulos similares a cartas, sendo uma localizada na parte superior central da tela (estímulo modelo) e as demais alinhadas horizontalmente, na parte inferior da tela (estímulos de comparação). Respostas (clics) a uma das cartas inferiores disponibilizam na tela uma consequência, que indica se a resposta dada pelo participante está correta ou errada. À direita do estímulo modelo há um display de contagem de pontos, cuja função será descrita a seguir. Um modelo pode ser visualizado na Figura 1.

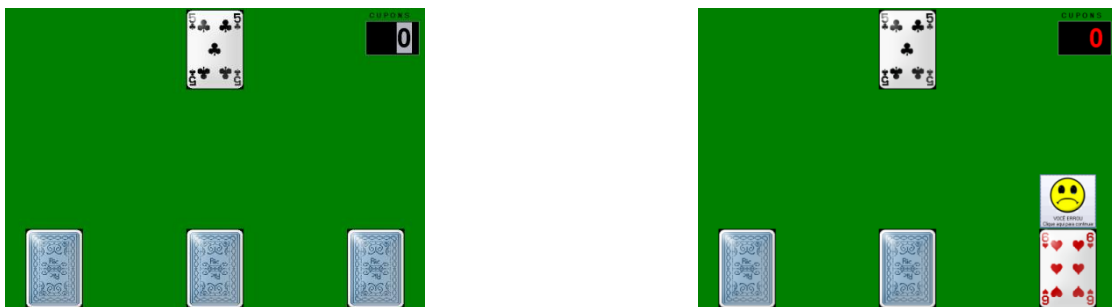


Figura 1- Telas com consequências programadas

Cabe lembrar que o número de “acertos” e “erros” é previamente programado, e estes são randomizados, de modo que o desempenho de cada participante ocorra de acordo com a programação prevista pelo experimentador.